



UNIFACS
UNIVERSIDADE SALVADOR

LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES®

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – PPGA
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO ESTRATÉGICA

MARCUS AMANY CASTELLAR PINHEIRO

O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO DA
CIDADE DE SALVADOR

Salvador
2011

MARCUS AMANY CASTELLAR PINHEIRO

**O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO DA
CIDADE DE SALVADOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Salvador, UNIFACS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Hage Fialho

Salvador
2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Salvador – UNIFACS. Laureate
Internacional Universities

Pinheiro, Marcus Amany Castellar

O ensino do empreendedorismo nos cursos de administração da cidade de Salvador./ Marcus Amany Castellar Pinheiro Salvador, 2011.

99 p. : il.

Dissertação (Mestrado) – UNIFACS Universidade Salvador. Laureate Internacional Universities. Mestrado em Administração. Orientador: Prof. Dr. Sérgio Hage Fialho.

1. Empreendedorismo. Empreendedorismo - Ensino. I. Fialho, Sérgio Hage, orient. II. Universidade Salvador – UNIFACS. III. Título.

CDD: 658.412

MARCUS AMANY CASTELLAR PINHEIRO

O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO DA
CIDADE DE SALVADOR

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Administração Estratégica, Universidade Salvador, UNIFACS, pela seguinte banca examinadora:

Sérgio Hage Fialho (Orientador) - _____
Doutor em Administração pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, Brasil.
Universidade Salvador – UNIFACS

José Pereira Mascarenhas Bisneto - _____
Doutor em Geografia pela Universidade de Barcelona - UB, Espanha.
Universidade Salvador – UNIFACS

Nádia Hage Fialho - _____
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, Brasil.
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Salvador, 28 de abril de 2011.

Dedico este estudo a todos aqueles que têm uma fé inabalável em fazer a diferença através da criatividade em parceria com o trabalho árduo e persistente.

AGRADECIMENTOS

A minha esposa e companheira Cláudia, as minhas amadas filhas Juliana e Carolina aos meus pais Orlando e Maria do Rosário (*in memoriam*) e as minhas irmãs Heloísa e Cláudia, todo meu amor fino a vocês.

A todos os professores, desde a alfabetização até os dias de hoje, que participaram da construção do meu caráter e da minha carreira acadêmica.

Ao Programa de Mestrado da Unifacs, representada na pessoa da coordenadora, Prof^a. Dr^a. Élvia Fadul, pela gentileza e apoio.

Ao meu orientador, Prof^o. Dr^o. Sérgio Fialho pela dedicação e compreensão.

Aos meus colegas de mestrado que muito contribuíram com a ajuda e incentivo para conclusão desse trabalho, em especial aos colegas Lucas Cerqueira e Marcos Bonfim.

A meu amigo Pedro Alaim pela decisiva contribuição em temas relevantes nesse trabalho.

Aos coordenadores e professores que participaram dessa pesquisa pela presteza e disponibilidade.

Aos fieis amigos e aos poucos *unfriendly* pelas mentiras sinceras.

E finalmente, a Avril Lavigne pelo companheirismo e silêncio.

"De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo, fazer da queda, um passo de dança; do medo, uma escada; do sonho, uma ponte; da procura, um encontro".

Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho estuda de modo comparativo, por meio de pesquisa exploratória com enfoques qualitativos e quantitativos, como é realizado o ensino do empreendedorismo nos cursos presenciais de graduação em administração das IES de Salvador, tendo sido pesquisadas 38 IES (Instituição de Ensino Superior). O suporte teórico consta de: o estudo do conceito de empreendedor e sua evolução histórica; as definições, as classificações e as características mais adotadas para qualificar o empreendedor; o papel do empreendedor no contexto da sociedade; e a forma de como está sendo feita a educação formal dos empreendedores nas IES. Como objetivos específicos, procurou-se verificar quais são as abordagens utilizadas pelas IES nas estruturas curriculares em relação ao empreendedorismo, caracterizar e analisar comparativamente os conteúdos composicionais das disciplinas obrigatórias em empreendedorismo, destacando os mais proeminentes, e analisar os docentes das disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo quanto a sua formação acadêmico-profissional e sua percepção do ensino do empreendedorismo. Como instrumentos de coleta, foram utilizados um formulário e dois questionários; o formulário procurou qualificar as IES e determinar os coordenadores dos cursos presenciais em administração; o primeiro questionário procurou determinar qual o enfoque utilizado no ensino do empreendedorismo nas IES, analisando a grade curricular, o nome e as fases em que são oferecidas as disciplinas obrigatórias e específicas em empreendedorismo, as suas ementas e bibliografias, além de determinar os seus respectivos professores; o segundo questionário procurou qualificar e identificar os coordenadores dos cursos e os professores das disciplinas obrigatórias e específicas em empreendedorismo, e as suas percepções quanto ao ensino do empreendedorismo. A conclusão geral deste trabalho é a existência de forte convergência entre as IES em relação a todos os quesitos examinados: as IES de Salvador, em sua ampla maioria, adotam a forma da disciplina obrigatória específica para o ensino do empreendedorismo, essas disciplinas são altamente similares em conteúdo, bibliografia e fase curricular de oferta aos alunos, e a formação, a experiência e a percepção da elevada maioria dos docentes são expressivamente homogênea. Além disso, conforme os dados apresentados neste trabalho, os resultados encontrados para Salvador são também similares, de modo geral, aos resultados registrados em estudos realizados no Sul do país, o que indica uma sintonia de Salvador com a perspectiva acadêmica de outros centros de conhecimento do país. Por fim, recomenda-se que novos estudos sejam realizados com o intuito de consolidar o ensino do empreendedorismo, especialmente estudos dirigidos à avaliação da eficácia desse ensino em termos de construção de competências e habilidades.

Palavras-chaves: Empreendedorismo. Ensino do empreendedorismo. Instituições de ensino superior. Disciplinas obrigatórias e específicas em empreendedorismo.

ABSTRACT

The purpose of this comparative work is to study, through exploratory qualitative and quantitative research approaches, how the entrepreneurship education is taught in undergraduate administration courses of the IES from Salvador, and in this work 38 IES (Higher Education Institution) were surveyed. The theoretical framework for this study consists of the study of the concept of entrepreneur and its historical evolution; the definitions, the classifications and the most common characteristics to describe the entrepreneur; the role of the entrepreneur in society; and how it has been thought the formal education of entrepreneurs in IES. The specific objectives are: to determine what the approaches used by IES in curricular structures related to entrepreneurship are; to analyze comparatively the compositional contents of required disciplines in entrepreneurship, emphasizing the most prominent ones, and to analyze the teachers of the specific required disciplines in entrepreneurship focusing on their academic and professional training and their perception of the entrepreneurship education. As data collection instruments, a form and two questionnaires were used; the form intended to qualify the IES and to determine the coordinators of the classroom courses in business; the first questionnaire intended to determine the approach used in entrepreneurship education in IES, analysing the curriculum, the name and the phases, the required disciplines and the specific disciplines in entrepreneurship courses, their summaries and bibliographies, and to determine their respective teachers; the second questionnaire intended to qualify and to identify the coordinators' perceptions and the teacher's perception of the specific required disciplines in entrepreneurship education. The general conclusion of this work is the existence of a strong convergence of the IES to the following topics: most IES from Salvador have a required specific discipline in entrepreneurship; these disciplines have a very similar content, bibliography and curriculum offered to students, and the academic training, the experience and the perception of most teachers are significantly homogeneous. Moreover, according to the data presented in this work, in general the results observed in Salvador are similar to the results observed in researches done in the South, what indicates a syntony between Salvador and the academic perspective of the other knowledge centers of the country. Finally, it is recommended further studies in order to consolidate the entrepreneurship education, especially studies aimed at evaluating the effectiveness of teaching in terms of building skills and abilities.

Keywords: Entrepreneurship. Entrepreneurship education. Higher education institution. Mandatory specific required disciplines.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O empreendedorismo como processo: algumas fases importantes	33
Figura 2 - Evolução da taxa de empreendedores iniciais (TEA) brasileira em comparação com a média dos países participantes dos GEM de 2001 a 2008.....	39
Figura 3 - Proporção dos empreendimentos iniciais e estabelecidos que lançam produtos novos para todos os consumidores	40
Figura 4 - Proporção dos empreendimentos iniciais e estabelecidos que utilizam tecnologias disponíveis no mercado a menos de um ano por países	40
Figura 5 - Empreendedores iniciais nos países da América Latina e BRIS por faixa etária em 2008	41
Figura 6 - Percepção dos especialistas em relação à contribuição do ensino fundamental e médio para o desenvolvimento das atividades empreendedoras	47
Figura 7 - Percepção dos especialistas em relação à contribuição do ensino superior e aperfeiçoamento para o desenvolvimento das atividades empreendedoras.....	47
Figura 8 - Modelo de análise da pesquisa.....	54
Figura 9 – Enfoque no ensino do empreendedorismo.....	62
Figura 10 – Docentes em relação a experiência empreendedora.....	70
Figura 11 - Entendimento de empreendedorismo por parte dos docentes pesquisados	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Evolução histórica dos conceitos do empreendedor	27
Quadro 2 - Comparação entre gerentes tradicionais e empreendedores.....	30
Quadro 3 - Importância de cada papel do empreendedor em relação ao risco do negócio.....	32
Quadro 4 - Variação dos papéis do empreendedor em função do crescimento do negócio.....	32
Quadro 5 – Itens relatório GEM 2008.....	37
Quadro 6 - Desenvolvimento de soluções em áreas-chaves	43
Quadro 7 - Correlação entre variáveis, questionários e itens.....	59
Quadro 8 - IES pesquisadas e suas classificações.....	60
Quadro 9 - Comparação entre os assuntos mais indicados nos Planos de Ensino das disciplinas de empreendedorismo nos estados do sul do Brasil, 2007	66
Quadro 10 - Comparação entre os autores mais indicados nas bibliografias dos Planos de Ensino das disciplinas de empreendedorismo nos estados do sul do Brasil, 2007	68
Quadro 11 - Comparação entre as obras mais indicadas nas bibliografias dos Planos de Ensino das disciplinas de empreendedorismo nos estados do sul do Brasil, 2007	68
Quadro 12 – Segmentos que os docentes tiveram experiência empreendedora.....	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Determinação das disciplinas obrigatórias específicas	63
Tabela 2 – Fases em que as disciplinas são oferecidas	64
Tabela 3 – Síntese dos tópicos disponível nas ementas das disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo.....	65
Tabela 4 – Bibliografia mais indicada nas disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo (continua).....	66
Tabela 5 – Graduação dos docentes (coordenadores dos cursos e professores das disciplinas obrigatórias específicas) das IES de Salvador	69
Tabela 6 – Nível de educação formal dos docentes (coordenadores dos cursos e professores das disciplinas obrigatórias específicas) das IES de Salvador	69
Tabela 7 – Síntese sobre o entendimento do empreendedorismo	71
Tabela 8 – Temas mais relevantes no ensino do empreendedorismo (continua)	73
Tabela 9 – Síntese dos conteúdos para ementa da disciplina de empreendedorismo	74
Tabela 10 – Ementas sugeridas pelos professores e coordenadores catarinenses..	75
Tabela 11 – Principal autor sobre o tema.....	75
Tabela 12 – Principais autores dos empreendedorismo na visão dos docentes do PR e SC	76
Tabela 13 – Incentivos governamentais.....	77
Tabela 14 – Obstáculos governamentais	77
Tabela 15 – Obstáculos Sócio-Culturais (continua).....	78
Tabela 16 – IES pesquisada por procedimento.....	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACAFE	Associação Catarinense das Fundações Educacionais
AMEC	Faculdade Amec Trabuco
ASBEC	Sociedade Baiana de Educação e Cultura
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BRIS	Brasil, Rússia, Índia e África do Sul
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EFC	<i>Entrepreneurial Framework Conditions</i>
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EUA	Estados Unidos da América
F2J	Faculdade Dois de Julho
FAB	Faculdade da Bahia
FACDELTA	Faculdade Delta
FACET	Faculdade de Artes, Ciência e Tecnologia
FACINE	Faculdade Isaac Newton
FACOC	Faculdade de Administração, Marketing e Comunicação de Salvador
FAMA	Faculdade Montessoriano de Salvador
FAMETTIG	Faculdades Integradas Olga Mettig
FARB	Faculdade Regional da Bahia
FAVIC	Faculdade Visconde de Cairú
FBB	Faculdade Batista Brasileira
FCA	Faculdade Castro Alves
FCS	Faculdade Cidade do Salvador
FDPII	Faculdade Dom Pedro II
FHR	Faculdade Hélio Rocha
FIB	Centro Universitário da Bahia
FMN	Faculdade Maurício de Nassau
FP	Faculdade Pensar
FRBA	Faculdade Rui Barbosa
FSBA	Faculdade Social da Bahia

FSS	Faculdade São Salvador
FTC	Faculdade de Tecnologia e Ciências
FTE	Faculdade de Tecnologia Empresarial
FURB	Fundação Universidade Regional de Blumenau
FVG	Faculdade Vasco da Gama
GEM	<i>Global Entrepreneurship</i>
IBES	Instituto Baiano de Ensino Superior
IBQP	Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços
IES	Instituições de Ensino Superior
IESUS	Instituto de Educação Superior Unyahna de Salvador
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
ISEC	Instituto Salvador de Ensino e Cultura
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PIB	Produto interno Bruto
PIS	Programa de Integração Social
SBA	<i>Small Business Administration</i>
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	Serviço Social da Indústria
TEA	Taxa de Empreendedores em Estágio Inicial
UCSAL	Universidade Católica de Salvador
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNICENID	Faculdade de Ciências Gerencial da Bahia
UNIFACS	Universidade de Salvador
UNIJORGE	Universidade Jorge Amado
UNIME	União Metropolitana de Educação e Cultura
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 REVISÃO DE LITERATURA	23
2.1 O RELATÓRIO GEM.....	35
2.2 EMPREENDEDORISMO: PANORAMA BRASILEIRO.....	42
2.3 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA	46
3 METODOLOGIA	54
3.1 MODELO DE ANÁLISE – DIMENSÕES E VARIÁVEIS	54
3.2 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS	58
4 RESULTADOS DE PESQUISA	62
4.1 DETERMINAÇÃO DO ENFOQUE DAS IES NO ENSINO DO EMPREENDEDORISMO.....	62
4.2 DETERMINAÇÃO DAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS ESPECÍFICAS EM EMPREENDEDORISMO E COMPARAÇÃO DE SUAS FASES, EMENTAS E BIBLIOGRAFIAS	63
4.2.1 Determinação dos nomes das disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo	63
4.2.2 Comparação das fases em que a disciplina é oferecida	64
4.2.3 Comparação das ementas/tópicos	65
4.2.4 Comparação das bibliografias	66
4.3 CARACTERIZAÇÃO ACADÊMICA PROFISSIONAL DOS DOCENTES E A SUA PERCEPÇÃO SOBRE O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO	68
4.3.1 Formação Acadêmica	68
4.3.2 Nível de Educação Formal	69
4.3.3 Experiência Empreendedora	70
4.3.4 Entendimento de Empreendedorismo	71
4.3.5 Temas mais Relevantes no Ensino do Empreendedorismo	73
4.3.6 Principal Autor Sobre o Tema	75
4.3.7 Incentivos e Obstáculos Governamentais	76
4.3.8 Obstáculos Sócio-Culturais	78
5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	81
5.1 CONCLUSÕES	81
5.2 RECOMENDAÇÕES.....	85
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICE A – Formulário 1 utilizado na primeira fase da pesquisa empírica	91
APÊNDICE B – Questionário de Pesquisa 1	92
APÊNDICE C – Questionário de Pesquisa 2	97
APÊNDICE D – Carta de Apresentação	99

1 INTRODUÇÃO

Esta seção aborda a contextualização do tema empreendedorismo, a justificativa e a problemática da pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos, concluindo com a estrutura da dissertação.

A premissa de que o desenvolvimento econômico de uma região ou nação possui, como um de seus pilares, o grau de empreendedorismo realizado através da prática da inovação, com seu engajamento em iniciativas empreendedoras, tem merecido uma atenção crescente para com o elemento protagonista desse processo, o empreendedor. Schumpeter (1984, p.35) o descreve:

O empreendedor é o responsável pelo processo de destruição criativa, sendo o impulso fundamental que aciona e mantém em marcha o motor capitalista, constantemente criando novos produtos, novos métodos de produção, novos mercados e, implacavelmente, sobrepondo-se aos antigos métodos ineficientes e mais caros.

Essa premissa nos remete a uma questão central: É possível ensinar empreendedorismo? A grande maioria dos estudiosos do tema sustenta que sim. Vesper (1992), Gibb (1981) e Timmons (1971), além de defenderem a possibilidade do ensino do empreendedorismo, acrescentam que as metodologias de ensino a serem adotadas devem ter como parâmetro o pressuposto de que a educação empreendedora requer centrar-se no desenvolvimento de habilidades que facilitem a tomada de decisões, as quais englobariam capacidade de inovar, assumir riscos e resolver problemas.

Dornelas (2008a) ressalta que a crença de que o empreendedorismo era inato e de que o empreendedor nascia com um diferencial determinado por características específicas perdurou por muito tempo. Hoje em dia, prossegue Dornelas (2008a), isso é um mito, pois acredita-se que o processo empreendedor pode ser ensinado e entendido por qualquer pessoa, e que o sucesso é decorrente de uma gama de fatores internos e externos ao negócio, do perfil do empreendedor e de como ele administra as adversidades que encontra no dia-a-dia de seu empreendimento.

Porém, ao entrarmos em contato com os conhecimentos já sistematizados no campo do empreendedorismo, logo nos deparamos com a falta de consenso dos pesquisadores na conceitualização do que venha a ser o empreendedor. Foram os economistas os primeiros a perceber e a demonstrar a importância dos empreendedores para o desenvolvimento econômico, porém mais tarde, outra

corrente de pensamento, chamada de comportamentalista, representada por sociólogos, psicólogos (entre outros), veio acrescentar aos modelos econômicos, em grande parte fortemente estruturados em funções matemáticas e abordagens quantitativas, uma nova dimensão para a explicação dos empreendedores baseada no comportamento humano e na sua resultante dentro do contexto de seu ambiente, buscando entender as razões pelas quais as pessoas eram levadas a empreender.

Mesmo nos dias atuais, ainda não atingimos a capacidade de podermos avaliar se um indivíduo será bem-sucedido ou não como empreendedor. Entretanto, essas pesquisas foram importantes para traçar linhas mestras que identificam características presentes em empreendedores de sucesso, de forma que empreendedores em potencial e empreendedores de fato possam aperfeiçoá-las para obter sucesso.

O sucesso dos empreendedores de uma nação parece estar diretamente ligado ao desenvolvimento desta, portanto a resposta para acelerar o desenvolvimento de uma nação passa pelo estímulo e pela capacitação de novos empreendedores capazes de criar e transformar empresas, ou qualquer outro tipo de negócio, em geração de bens e de serviços. Chegamos a um ponto em que a velocidade da mudança tecnológica está diretamente relacionada às habilidades dos indivíduos e das organizações em gerenciar de forma empreendedora. É pouco provável que retornemos à situação em que membros de uma organização passavam muitos anos fazendo as mesmas tarefas repetitivas, ou em que organizações operavam com grande número de pessoas divididas hierarquicamente em unidades funcionais. Isso é fácil de entender: quanto maior e mais rígida for a organização, de mais tempo ela necessita para aprender e mudar.

O tempo requerido para mudanças internas é freqüentemente maior que a velocidade das mudanças externas. Por todas essas razões, considera-se que a próxima era será a do florescimento do empreendedorismo, considerando que a sociedade transforma-se no sentido de tornar-se cada vez mais uma sociedade na qual cada indivíduo é responsável por si próprio, voluntária ou involuntariamente. É aqui que a pesquisa no campo do empreendedorismo adquire um novo significado, por oferecer ferramentas que ajudarão um número cada vez maior de pessoas a atuarem de forma inovadora, sob suas próprias condições em suas atividades, e a compartilhar isso com as outras.

Em 1997, um grupo de pesquisadores de instituições distintas (o Babson College, dos Estados Unidos, e o London Business School, da Inglaterra), em uma iniciativa conjunta com o objetivo de medir as atividades empreendedoras dos países e observar o seu relacionamento com o crescimento econômico, criou o projeto *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) que, através de dados estatísticos comparados atualmente entre 43 países (GRECO e outros, 2009) contempla informações que avaliam o processo de abertura de um empreendimento e suas características, gerando índices que revelam tendências econômicas e sociais que podem ser determinantes para tomadas de decisões no processo de estímulo ao empreendedorismo.

Passados doze anos de sua criação, o GEM pode ser considerado hoje o mais ambicioso – e de maior impacto – estudo no que se refere ao acompanhamento do empreendedorismo nos países. O modelo proposto pelo GEM avalia um conjunto de condições que afetam diretamente a atividade empreendedora; essas condições (denominadas *Entrepreneurial Framework Conditions* (EFC) e traduzidas para o português como Condições Nacionais que afetam o Empreendedorismo) determinam a capacidade de um país encorajar empresas nascentes as quais, combinadas com habilidades e com a determinação daqueles que desejam abrir novos negócios, influenciam o processo empreendedor. No Brasil, o Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) é a instituição executora do projeto GEM, que conta com apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), do Serviço Social da Indústria (SESI) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).

Duas descobertas, apontadas no relatório GEM Brasil 2008, explicitam a fragilidade do processo empreendedor no Brasil: a primeira, em relação à Tecnologia e Mercado, constatou que entre os países que realizaram a pesquisa GEM em 2008, o Brasil apresenta-se com uma das mais baixas taxas de lançamentos de produtos novos (desconhecidos para o consumidor) e de uso de tecnologias disponíveis há menos de um ano no mercado. Essa informação mostra que o Brasil é um dos países cujos empreendimentos novos e estabelecidos têm um limitado potencial tecnológico, sinalizando uma situação preocupante em um mundo de economias baseadas em conhecimentos num mercado globalizado na qual a competitividade depende claramente da capacidade de inovação frente aos seus

concorrentes no mercado internacional. A segunda fragilidade, que os dados da pesquisa GEM Brasil 2008 mostra, é que apesar do empreendedorismo ser tema de interesse no âmbito empresarial, político e acadêmico em função de sua importância para o desenvolvimento econômico de um país, constata-se que grande parte dos empreendedores nacionais, o equivalente a 90%, não participou de atividades educacionais relacionadas à abertura de negócios em qualquer tempo, seja ao longo de sua formação educacional nos níveis de ensino fundamental, médio e superior, seja por meio de participação em atividades dessa natureza em modalidades educacionais diversas (independentes da educação formal).

Em parte, esse índice reflete a própria dificuldade que o setor educacional brasileiro enfrenta (para atender às demandas provenientes das novas tecnologias da educação e do conhecimento, como também da exclusão social e das desigualdades de desenvolvimento) é típica de um processo de mudança socioeconômica e política. Mas o índice também expõe, que no Brasil a urgência do aprendizado do conteúdo empreendedor é fundamental em todas as áreas do conhecimento, em especial nos cursos de graduação em Administração. Em sintonia com esse contexto de carência educacional, Drucker (1998b, p.38) afirma que: “Empreender é uma iniciativa “arriscada”, principalmente porque tão poucos dos assim chamados empreendedores sabem o que estão fazendo. Falta a eles metodologia.”

Podemos acrescentar a esse contexto o fato de que a nova organização da produção no mundo expande a dimensão econômica e social da pequena e média empresa, criando dessa forma a necessidade de deslocar o foco do ensino de administração de formar profissionais para administrar grandes empresas (gerentes) para o de formar empreendedores. Mas, por outro lado, a idéia de atribuir o conceito de empreendedorismo apenas à criação de novos negócios é muito limitada, sendo assim, analisando de forma mais abrangente, percebe-se que é tanto possível quanto necessário trazer esse conceito para dentro das organizações já estabelecidas, com o intuito de criar uma maior capacidade de resposta à turbulência tecnológica e dos mercados, e, assim, estabelecer diferenciais competitivos (empreendedorismo-corporativo) Dolabela (2008, p.79) ressalta: “É empreendedor, em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar o seu sonho em realidade.”

Nesse contexto, o exame das diferentes estratégias e metodologias adotadas pelas Instituições de Ensino Superior (IES) para a construção de competências em empreendedorismo constitui-se em importante área de investigação e análise. Para Baron e Shane (2007, p.6), a pergunta crucial no processo de análise e investigação dessa área talvez seja: “O que é preciso para que alguém se torne um empreendedor?”. Pactuando com esse questionamento, o relatório GEM Brasil 2008 destaca que seu estudo está focado no comportamento das pessoas no que diz respeito à abertura e gerenciamento de novos negócios, sendo uma pesquisa social dirigida a indivíduos, cuja perspectiva é a de que as pessoas são os agentes primários nos movimentos de instalação, iniciação e manutenção de novos negócios.

Assim, mesmo reconhecendo que as características que demandam a realização de estudos sociais são multifaceadas e que as constatações desses estudos devem ser confirmadas a longo prazo, existe a esperança de desenvolvermos um conhecimento mais sistemático sobre o empreendedor.

É consensual entre os novos estudiosos do tema que o empreendedorismo é um processo em andamento, e que não deve existir separação entre a teoria e a prática. A área do empreendedorismo possui natureza dupla, mas a essência do empreendedorismo está na criação ou no reconhecimento de uma aplicação comercial para um novo produto ou serviço. Essa constatação exige a criação de metodologias e estratégias específicas para o ensino do empreendedorismo, que devem lidar com variáveis de nível individual, interpessoal, social e ambiental. Portanto, são necessárias pesquisas que possam validar a eficiência e a eficácia dessas metodologias e estratégias aplicadas em contextos delimitados, permitindo dessa forma futuras comparações com outros contextos. Reiterando essa necessidade, a pesquisa GEM Brasil 2008, insere em sua pesquisa um novo tópico intitulado Educação e Treinamento, que tem o objetivo de avaliar o papel da educação e do treinamento na capacitação do empreendedor.

Para tanto, o GEM analisa o sistema educacional em todos os níveis, e dentre esses níveis, destacamos o estudo das metodologias e estratégias realizadas em programas de empreendedorismo nas IES no Brasil. Notadamente, a pesquisa realizado pelo GEM é dirigida aos cursos de graduação em Administração e suas

Habilitações¹, por terem partido desses cursos as ações iniciais da importância do ensino do empreendedorismo. Contudo, o GEM reconhece que os dados apresentados, nessas pesquisas, não são conclusivos e ressalta a necessidade de novas pesquisas: “Buscam-se dados secundários no intuito de contextualizar os resultados e as análises desenvolvidas, fundamentando, refutando ou relativizando conclusões com base em fontes padronizadas.” (GRECO e outros, 2009, p.140).

Assim, a fim de contribuir para a qualificação dessas metodologias e dessas estratégias de ensino do empreendedorismo nas IES, de forma que as mais produtoras permitam a construção de um conhecimento mais consistente e sistematizado, procurou-se analisar qual o enfoque curricular utilizados pelas IES da cidade do Salvador e entender a maneira como são inseridos os conteúdos de empreendedorismo em sua estrutura curricular. Desse modo, o recorte arbitrado para esse estudo tem seu foco nas disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo, constantes nas grades curriculares das IES, e nos docentes alocados a essas disciplinas. A partir desse dispositivo proposto, questiona-se: Quais os diferenciais de conteúdo, oferta e docência entre as disciplinas obrigatórias específicas adotadas nas grades curriculares dos cursos em administração das IES de Salvador?

Para desenvolver a pesquisa, o objetivo geral busca avaliar comparativamente as composições adotadas no ensino do empreendedorismo, com foco nas disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo, nos cursos de graduação em Administração das IES de Salvador.

Em decorrência do objetivo geral foram definidos os objetivos específicos:

- a) Verificar quais são as abordagens utilizadas pelas IES nas estruturas curriculares em relação ao empreendedorismo;
- b) Caracterizar e analisar comparativamente os docentes das disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo quanto a sua formação acadêmico-profissional e a sua percepção sobre o ensino do empreendedorismo;

¹ Foram incluídos na pesquisa os cursos de Administração e suas habilitações, por ainda estarem vigentes até a última turma ser formada, mas com a Resolução Nº. 4 do Ministério da Educação (MEC), em 2005, não podem mais ser criados cursos de Administração com habilitações, sendo que a ênfase do curso deverá constar no Projeto Pedagógico, como parte integrante dos conteúdos de formação complementar (BRASIL, 2005).

- c) Analisar comparativamente os conteúdos composicionais das disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo, destacando os mais proeminentes.

O estudo está organizado em seis seções. Nesta Introdução, estão apresentados o desenvolvimento do tema, a justificativa e o problema de pesquisa, além dos objetivos gerais e específicos do estudo, e a estrutura adotada.

A revisão da literatura acontece na segunda seção, abordando os aspectos da construção histórica do conceito de empreendedor, as definições, as classificações e as características do empreendedor, o empreendedorismo como força social e a educação empreendedora.

Na terceira seção, explicitam-se o método e as técnicas de pesquisa constituído do delineamento da pesquisa; da apresentação do modelo de análise, das dimensões e das variáveis operacionais; dos procedimentos operacionais; em seguida, apresentam-se a população e a amostra; os instrumentos de coleta de dados e as limitações da pesquisa. Na quarta seção, caracterizam-se as IES da cidade de Salvador que constituíram o objeto de estudo.

Os resultados da pesquisa estão descritos na seção cinco. E, finalmente, na sexta seção, constam as conclusões e as recomendações do estudo.

As referências e os apêndices complementam o trabalho.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Esta seção de fundamentação teórico-histórica inicia-se com a abordagem da trajetória da construção do conceito de empreendedor, passando pela apresentação das tipologias mais proeminentes adotadas pelos pesquisadores e pelo contexto em que se encontra o empreendedorismo na sociedade, sendo finalizado com a descrição do estágio de desenvolvimento em que se encontra a educação empreendedora.

Ao entrarmos em contato com os conhecimentos já sistematizados no campo do empreendedorismo, logo nos deparamos com a falta de consenso entre os estudiosos e os pesquisadores sobre a conceitualização de o que venha a ser o empreendedor. Essa falta de uniformidade nos conceitos pode ser justificada pela dimensão e complexidade do tema ou, mesmo, pelas tentativas pioneiras dos diversos autores que o abordam com o intuito de delimitar um domínio científico. Nesse sentido, os mecanismos de transposição do conhecimento produzido de forma tão heterogênea para um conhecimento científico sistematizado passam pela construção de conceitos que consistem na ruptura epistemológica de uma ciência com o senso comum e no desenvolvimento de modelos científicos voltados para observação, descrição e interpretação dos objetos teóricos e empíricos de um campo do conhecimento. Para Hamlin (1999), segundo a concepção hermenêutica romântica de Wilhelm Guillermo Dilthey², a sistemática formadora de um conceito científico parte de que nenhum conceito científico deve ser criado fora da realidade humano-sócio-histórica. Todo conceito é humano, portanto, histórico, corpóreo e procede da vivência e não da “vontade de saber”; conseqüentemente, o conceito não é abstração, não é a elaboração mental desvinculada da vivência ou experiência vivida. Um conceito deve ser formado em toda plenitude do reviver histórico, aspirando compreender a realidade, porém sendo essa realidade infinita e complexa, apenas um fragmento limitado dessa realidade será compreendido, e mesmo este é subordinado a pontos de vista especificamente particulares.

² Wilhelm Guillermo Dilthey (1833-1911), o pai do Historicismo Alemão, apresentou um processo baseado em etapas para a tentativa de formar e definir um conceito (HAMLIN, 1999).

Filion (1999), em concordância com o exposto, afirma que o significado da palavra empreendedor muda de acordo com o país e com a época. Assim, a partir dessas observações, iremos descrever como foi desenvolvido o conceito de empreendedor até os dias atuais. Outrossim, diversos autores de forma consensual, entre eles Degen (1989); Dolabela (2008); Dornelas (2008a); Drucker (1998b); Filion (1999), identificam como pioneiros na formação do conceito de empreendedor Richard Cantillon (1680-1734) e Jean-Baptiste Say (1767-1832). Esses autores explicam que Cantillon era um importante escritor e economista irlandês e a ele é creditada à popularização do termo *entrepreneur*, embora a origem da palavra seja francesa, sendo usada no século XVIII para designar aquele que incentivava brigas. Foi Cantillon quem primeiro descreveu com clareza a função do empreendedor como um todo, referindo-se ao empreendedor como as pessoas que compravam matérias-primas e as vendiam a terceiros depois de processá-las; Dolabela (2008) destaca que aí estão subentendidas a identificação de oportunidades e a disposição para assumir riscos. Degen (1989) acrescenta que o significado da palavra empreendedor deriva da palavra inglesa *entrepreneur*, a qual, por sua vez, deriva da palavra *entreprendre* do francês antigo, formada pelas palavras *entre* (derivada do latim *inter*, que significa reciprocidade) e *prendre* (também derivada do latim *prehendere*), que significa comprador, e a combinação das duas palavras significa simplesmente intermediário.

Já Drucker (1998b, p.34) ressalta que para Say, economista francês formulador da famosa lei de Say³, o termo *entrepreneur* deveria ser: “[...] um manifesto e uma afirmação de dissensão onde o empreendedor é aquele que perturba e desorganiza.”, e complementa demonstrando que Say, apesar de ser considerado por muitos como um representante legítimo dos clássicos – principalmente por ter traduzido e propagado as idéias do livro Riqueza das Nações, de Adam Smith, na França – (DRUCKER, 1998b), expressa total incompatibilidade do conceito cunhado por Say de *entrepreneur* com o axioma da economia clássica, que sustenta a otimização de o que já existe.

³ Muitas vezes a lei de Say é resumida das seguintes formas: “A oferta de um produto sempre gera demanda por outros produtos” ou “A oferta cria sua própria demanda”. Porém, é importante notarmos que essas são interpretações Keynesianas. A Lei de Say não faz a afirmação que a oferta automaticamente cria a demanda, mas que para se ter uma fundação efetiva para demanda esta é derivada de uma prévia fonte de oferta (DRUCKER, 1998b).

Outro consenso entre os pesquisadores e os estudiosos em empreendedorismo é a contribuição do economista austríaco Joseph Alois Schumpeter, que, associando ao empreendedor a idéia de inovação e de desenvolvimento econômico, deu nova projeção ao tema. “O empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços.” (SCHUMPETER, 1949 apud DORNELAS, 2008a, p. 22).

Drucker (1998b) destaca que, entre todos os economistas modernos, somente Schumpeter abordou o empreendedor e o seu impacto sobre a economia. “Todo economista sabe que o empreendedor é importante e provoca impacto. Entretanto, para os economistas o ‘empreender’ é um evento ‘meta-econômico.’” (DRUCKER, 1998b, p.10).

Filion (1999) acrescenta que Schumpeter não foi o único a relacionar empreendedorismo com inovação, pois outros como Clark (1949 apud FILION, 1999) havia feito o mesmo de forma bem clara um pouco antes, Higgins (1959 apud FILION, 1999), Baumol (1968 apud FILION, 1999), Leibenstein (1978 apud FILION, 1999) e a maioria dos economistas que tinham interesse em empreendedorismo, depois dele, também fizeram o mesmo, mas Filion (1999) reconhece que, além de associar o empreendedorismo à inovação, Schumpeter mostrou em sua obra a importância dos empreendedores na explicação do desenvolvimento econômico.

Embora tenham sido os economistas os primeiros a perceber e demonstrar a importância dos empreendedores, mais tarde outra corrente de pensamento, chamada de comportamentalista, vem acrescentar aos modelos econômicos, uma nova explicação para os empreendedores baseada no comportamento humano e na sua resultante dentro do contexto de seu ambiente, que procura descobrir as razões pelas quais algumas pessoas se tornam empreendedores.

Segundo Filion (1999), foi Max Weber (1864-1920) quem identificou o sistema de valores como elemento fundamental para a explicação do comportamento empreendedor. Weber considerava que o papel da liderança nos empreendedores era significativo como fonte de autoridade formal dentro dos negócios. Porém, Filion (1999) destaca que o autor que realmente deu início ao estudo sistemático das ciências comportamentais para o empreendedorismo foi, sem dúvida, David McClelland, influenciado pelo contexto histórico dos anos 50, principalmente pela ascensão da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e pela

dúvida das pessoas em relação ao *Homo Sovieticus*. Poderia esse um dia substituir o *Homo Americanus*? McClelland (1971 apud FILION, 1999) procurou a resposta a essa pergunta através do estudo da existência de grandes civilizações; nesse estudo, a identificação do elemento principal estava na presença de heróis da literatura, os quais as gerações seguintes tomavam como modelos e tendiam a imitá-los em seu comportamento, principalmente no que concerne à superação de obstáculos. Isso levou McClelland (1971 apud FILION, 1999) a correlacionar a necessidade de realização desenvolvida nesses povos com o empreendedor. O trabalho de McClelland concentrava-se em gerentes de grandes organizações e em setores específicos da atividade econômica, sendo isso particularmente relevante porque as necessidades de realização e de poder serão expressas de acordo com os valores de uma sociedade predominantes em uma dada época.

Um empreendedor é alguém que exerce controle sobre uma produção que não seja só para o seu consumo pessoal. De acordo com a minha definição, um executivo em uma unidade produtora de aço na União Soviética é um empreendedor. (MCCLELLAND 1971 apud FILION, 1999, p.8).

Entretanto Filion (1999) nos adverte dessa simplicidade em explicar o desenvolvimento social e a prosperidade nas sociedades usando apenas dois fatores: a necessidade de realização e a necessidade de poder; com isso, na visão de Filion (1999) McClelland deixa de considerar importantes fatores como: o papel das ideologias religiosas e o papel das ideologias liberais.

De forma mais pragmática Filion (1999), prossegue afirmando que se tivéssemos que resumir a visão de empreendedorismo nas principais correntes de pensamento, provavelmente aceitaríamos o ponto de vista de Baumol (1993 apud FILION, 1999), que propôs duas categorias de empreendedores: os empreendedores organizadores de negócios e os empreendedores inovadores. O primeiro tipo inclui o empreendedor clássico descrito por Say (1803 apud FILION, 1999), e o outro tipo, o empreendedor descrito por Schumpeter (1984). Entretanto, depois de McClelland (1971 apud FILION, 1999), os comportamentalistas como Bolton (1971 apud FILION, 1999), Timmons (1971), Vesper (1973) dominaram o campo do empreendedorismo, formando o que mais tarde foi chamado de escola dos traços de personalidade, que na verdade produziu resultados de pesquisas bastante variados e muitas vezes contraditórios.

Filion (1999) prossegue afirmando que ainda não chegamos ao ponto de podermos avaliar uma pessoa e afirmar se ela vai ser bem sucedida ou não como empreendedora. Entretanto, essas pesquisas foram importantes para traçar linhas mestras que identifiquem características presentes em empreendedores de sucesso, de forma a permitir que empreendedores em potencial e empreendedores de fato possam aperfeiçoá-las para obter sucesso.

Depois de um curto período no centro das atenções, a escola do estudo dos traços de personalidade parece estar em declínio. Mesmo os comportamentalistas têm defendido que o empreendedorismo parece ser um fenômeno regional, onde cultura, hábitos e necessidades de uma região determinam comportamentos. Diante dessa constatação, fica exposto que, a margem para conceitualização do empreendedor permite definições de especialistas de diversas áreas. Economistas relacionam o empreendedor com inovação e desenvolvimento econômico; comportamentalistas, com criatividade, persistência e liderança; já os Engenheiros vêem os empreendedores como bons distribuidores e coordenadores de recursos. Reflete essa diversidade conceitual a definição de empreendedor de Cochran (1968 apud FILION, 1999, p.18) “O empreendedor é um tipo de incongruência de um elemento humano que não pode ser medida em uma estrutura teórica.”

Portanto com o intuito de ordenar esses conceitos em uma evolução histórica dos estudiosos e dos pesquisadores que trataram do tema, apresentamos o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Evolução histórica dos conceitos do empreendedor (continua)

Ano	Autor	Conceito
1725	Cantillon (1725 apud FILION, 1999)	A pessoa que compra matéria-prima (insumo) processa e a vende como produto semi-acabado para outros ou já como produto acabado.
1803	Say (1803 apud FILION, 1999)	O indivíduo capaz de mover recursos econômicos de uma área de baixa produtividade para outra de maior produtividade e retorno.
1934	Schumpeter (1984)	O empreendedor é um agente fundamental, que engendra impactos na economia, ao quebrar antigos padrões e criando, constantemente, novos produtos, novos métodos de produção, novos mercados e, implacavelmente, sobrepondo-se aos antigos métodos menos eficientes e mais caros.
1971	McClelland (1971 apud FILION, 1999)	O empreendedor é alguém dinâmico que corre riscos moderados.

Ano	Autor	Conceito
1964	Drucker (1998a)	O empreendedor vê a mudança como norma e como sendo sadia. Geralmente, ele não provoca a mudança por si mesmo. Mas, é isso que define o empreendedor e o empreendimento, o empreendedor sempre está buscando a mudança, reagindo a ela, e a explorando como sendo uma oportunidade.
1993	Filion (1993)	Uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões.
2001	Dornelas (2008b)	O empreendedor é aquele que faz as coisas acontecer, antecipa-se aos fatos e tem uma visão futura da organização.
2007	Baron e Shane (2007)	O processo empreendedor começa, de fato, com o reconhecimento do potencial para algo novo nas mentes de um ou mais indivíduos que, se optarem por desenvolver essa oportunidade, tornar-se-ão empreendedores.
2008	Dolabela (2008)	É empreendedor, em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar o seu sonho em realidade.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Drucker (1998a), Filion (1999, 2003), Baron e Shane (2007), Dolabela (2008), Dornelas (2008b) e Schumpeter (1984).

Em se tratando esta dissertação de um trabalho científico e lembrando o conceito cunhado por Cochran (1968 apud FILION, 1999, p.18): “[...] a incongruência de um elemento humano que não pode ser medida em uma estrutura teórica [...]” aqui já mencionado, não devemos concluir nossa explanação do conceito histórico do empreendedor sem antes destacar algumas críticas de alguns estudiosos que não pactuam com os conceitos acima apresentados. Em um artigo de título “*Evolucionismo: a face oculta do empreendedorismo*”, muito bem elaborado pelos pesquisadores Lucas Frazão Silva e Carolina Loreçato Bassani (2007), são apresentadas algumas críticas aos atuais conceitos que simplificam o fenômeno de empreendedor. Silva e Bassani (2007) sustentam que no início do século XX houve um esforço teórico em categorizar um agente fundamental para a compreensão do desenvolvimento econômico. Esse agente seria a partir de então conhecido como “empresário inovador schumpeteriano”, sendo a encarnação de um tipo especial de investidor que antecipa respostas diante de processo de mudanças eminentes e rápidas. Assim, o empresário inovador schumpeteriano estabelece no campo teórico uma perfeita correlação com o “*animal spirits*” keynesiano⁴.

⁴ A escola keynesiana se fundamenta no princípio de que o ciclo econômico não é auto-regulador como pensavam os neoclássicos, uma vez que é determinado pelo “espírito animal” dos empresários. É por esse motivo, e pela ineficiência do sistema capitalista em empregar todos que querem trabalhar que Keynes defende a intervenção do Estado na economia (SILVA; BASSANI, 2007).

Dessa maneira, prosseguem os autores, o “espírito animal” – o arrojo diante do desafio do empreendimento – deve fazer parte do perfil do capitalista, pois sem essa característica especial, o capital não se dirige ao lucro por falta de decisão diante da incerteza e do risco do investimento (SILVA; BASSANI, 2007). Nesse ambiente de expectativa e incerteza nitidamente keynesiano, é que fora construída a idéia de empreendedor. A crítica de Silva e Bassani (2007) é dirigida a essa interpretação teórica, engessada no perfil do empreendedor, a qual fica, aos poucos, prejudicada por um modismo inconseqüente que procura transformar uma discussão responsável em um conjunto de receitas de sucesso permanentemente oferecidas às pessoas interessadas como sendo a forma correta de agir ou um caráter a ser “produzido”, com o objetivo de obter sucesso garantido no mundo dos negócios, deixando de analisar o contexto no qual o empreendedor está inserido. Silva e Bassani (2007, p.70) afirmam que:

A personalidade do empreendedor pode ser considerada como uma das condições necessárias para o sucesso e o arrojo do negócio, mas de maneira alguma deve ser “vendida” como a “tábua de salvação”, ou como se existisse uma personalidade ideal para o sucesso do empreendimento.

Diante de todas essas considerações a respeito do conceito de empreendedor aqui apresentadas, em que muitas vezes possam parecer divergentes, existe, na realidade, a tentativa de construção de um conceito que não deixe de reconhecer a influência das diversas variáveis e contextos aos quais o empreendedor é submetido, o que não impede que seja possível caracterizar, mesmo que de forma abrangente, a figura do empreendedor.

Definições em geral são traiçoeiras e, como vimos, em se tratando de uma área em formação como o empreendedorismo, a tarefa é ainda mais complexa. O que realmente está explícito é que nos conceitos de empreendedor está sempre presente a busca de oportunidade em criar algo novo, a necessidade de empreender por falta de opção no mercado de trabalho ou, mesmo, o processo de renovação e o de inovação dentro de empresas existentes, que são realizados por indivíduos com características específicas. Para fins metodológicos, diante da diversidade de conceitualizações e de seus pontos comuns, optamos por delimitar o objeto de estudo de forma a dar mais segurança ao caminho que se pretende percorrer, baseando nossa abordagem, em grande parte, nas definições, classificações e características aceitas pelo *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) sem deixar de, com isso, reconhecer possíveis lacunas nessa delimitação.

Administrador ou Empreendedor? Essa questão, cujo ponto central é o estudo do comportamento mais adequado para os papéis que Administrador e Empreendedor desempenham, tem dividido pesquisadores do tema. Dornelas (2008a, p.15) justifica: “[...] o administrador tem sido objeto de estudo há muito mais tempo que o empreendedor e, mesmo assim, ainda persistem dúvidas sobre o que o administrador realmente faz.”. Assim, prossegue Dornelas (2008a), a abordagem clássica ou processual, com foco na impessoalidade da organização e na hierarquia, propõe que a “arte de administrar” concentra-se nos atos de planejar, organizar, dirigir e controlar, princípios divulgados por Henri Fayol (1841-1925) no início do século XX. Apesar de que vários outros autores, com o passar do tempo, tenham reformulado e completado essa abordagem, Dornelas (2008a) aprofunda a questão, analisando – Mintzberg (1975 apud DORNELAS, 2008a) e Kotter (1982 apud DORNELAS, 2008a) – a abordagem processual do trabalho do administrador e identificando muitos pontos em comum entre o administrador e o empreendedor; ou seja, o empreendedor é um administrador, mas com diferenças consideráveis em relação aos gerentes ou aos executivos de organizações tradicionais, pois os empreendedores são mais visionários que os gerentes. Fillion (1993) complementa, afirmando que o gerente é voltado para a organização de recursos, enquanto o empreendedor é voltado para definição de contextos.

No Quadro 2, apresenta-se uma comparação entre gerentes e empreendedores.

Quadro 2 - Comparação entre gerentes tradicionais e empreendedores (continua)

Temas	Gerentes Tradicionais	Empreendedores
Motivação principal	Promoção e outras recompensas da corporação, como <i>status</i> , poder	Independência, oportunidade para criar algo novo, ganhar dinheiro
Referência de Tempo	Curto prazo, gerenciando orçamentos semanais, mensais etc e com horizonte de planejamento anual	Sobreviver e atingir cinco a dez anos de crescimento do negócio
<i>Status</i>	Preocupa-se com o <i>status</i> e como é visto na empresa	Não se preocupa com o <i>status</i>
Como vê o risco	Com cautela	Assume riscos calculados
Falhas e erros	Tenta evitar erros e surpresas	Aprende com erros e falhas
Decisões	Geralmente concorda com seus superiores	Segue seus sonhos para tomar decisões
A quem serve	Aos outros (superiores)	A si próprio e a seus

Temas	Gerentes Tradicionais	Empreendedores
		clientes
Histórico familiar	Membros da família trabalham em grandes empresas	Membros da família possuem pequenas empresas ou já criaram algum negócio
Relacionamento com outras pessoas	A hierarquia é a base do relacionamento	As transações e acordos são a base do relacionamento

Fonte: Dornelas (2008a, p. 21).

Para Degen (1989), a diferenciação entre administradores e empresários é tratada mais amplamente, ou seja, os empreendedores, ao iniciar um negócio, assumem papéis variados, destacando-se quatro: o de empreendedor, o de empresário, o de executivo e o de empregado. Para ilustrar esses papéis, Degen (1989) utiliza a viagem de Marco Pólo como exemplo do que as pessoas devem assumir, ou administrar, para iniciar seu negócio, sendo as características necessárias a cada papel apresentadas assim:

- a) **Empreendedor** é aquele que tem a visão do negócio e não mede esforços para realizar o empreendimento. A sua realização é ver a sua idéia concretizada em seu negócio. A exemplo do mercador-aventureiro veneziano, (Marco Pólo) assume os riscos comerciais, legais e pessoais do empreendimento;
- b) **Empresário** é aquele que procura um bom negócio e, quando o encontra, está disposto a arriscar o seu dinheiro e o de outros investidores para obter os lucros esperados. A exemplo do banqueiro-capitalista que financiou as viagens de Marco Pólo, assume de maneira passiva os riscos do empreendimento;
- c) **Executivo** é aquele que, como um treinador de uma equipe esportiva, procura superar objetivos desafiantes com uma equipe de pessoas. A sua realização é fazer a sua equipe se superar, atingindo os objetivos do negócio, e ser reconhecido por isso. Normalmente, esse reconhecimento se dá por um bom salário e bônus. A exemplo dos lugares-tenentes que acompanharam Marco Pólo na viagem, assume o risco pessoal de acompanhá-lo em troca de uma boa remuneração e um bônus no final da viagem, se bem sucedida;

d) **Empregado** é aquele que trabalha em um determinado tipo de tarefa. A sua realização é fazer um bom trabalho e ser reconhecido por isso. Normalmente, o seu reconhecimento se dá por um salário um pouco acima do praticado pelo mercado. A exemplo dos soldados, tropeiros, carregadores etc. que, em troca de uma remuneração integraram a caravana que foi para o Oriente.

Assim, a partir dessa metáfora criada por Degen (1989), é possível perceber as variações dos papéis em função do risco e crescimento do negócio, representadas de forma mais sistematizada nos quadros seguintes:

Quadro 3 - Importância de cada papel do empreendedor em relação ao risco do negócio

Papéis	Importância de cada papel	
	Negócio de alto risco	Negócio de baixo risco
Empreendedor	Muito importante	Pouco importante
Empresário	Importante	Algo importante
Executivo	Algo importante	Importante
Empregado	Pouco importante	Muito importante

Fonte: Adaptado de Degen (1989).

Quadro 4 - Variação dos papéis do empreendedor em função do crescimento do negócio

Papéis	Empresa			
	Início	Pequena	Média	Grande
Empreendedor	Empreendedor	Empreendedor	Empreendedor	Empregado
Empresário	Empreendedor	Empreendedor	Empreendedor ou Empregado	Empregado
Executivo	Empreendedor	Empreendedor	Empregado	Empregado
Empregado	Empreendedor	Empregado	Empregado	Empregado

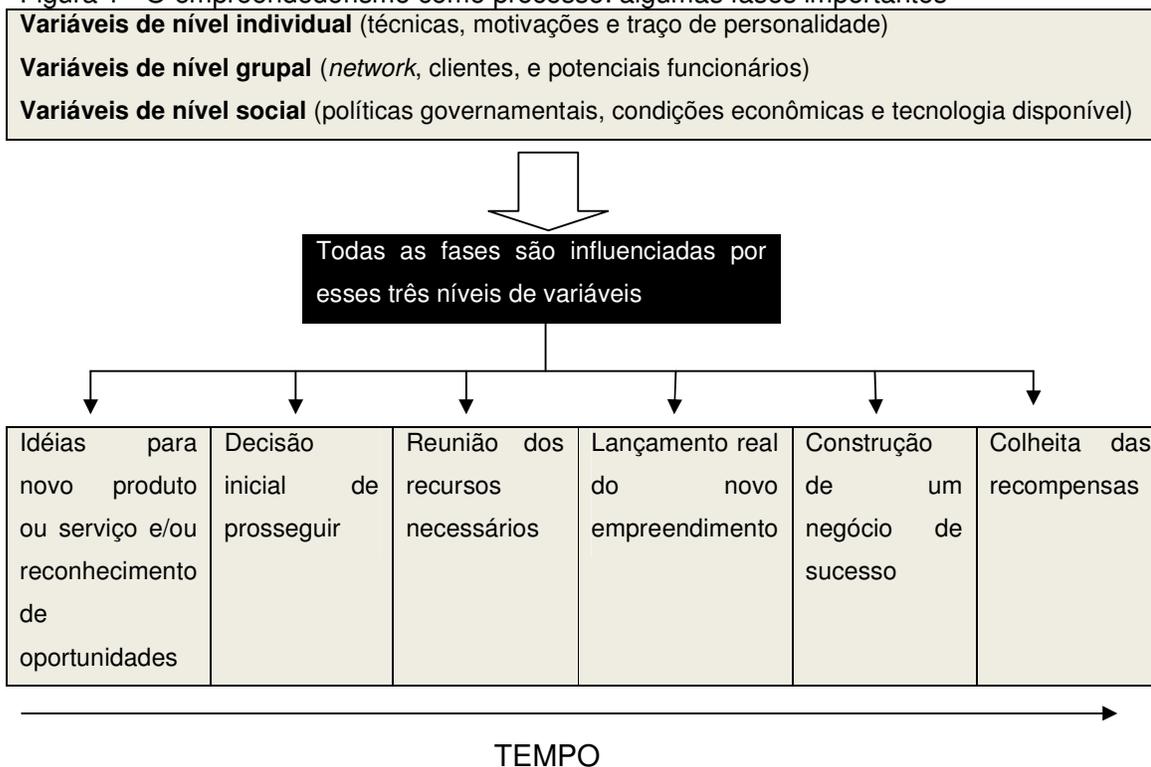
Fonte: Adaptado de Degen (1989).

O panorama descrito pela grande maioria dos estudiosos do tema tem se concentrado nos diversos papéis desempenhados ao longo dos estágios em que se encontra o empreendimento. Essa tendência começa a ser contestada por alguns

autores, entre esses Baron e Shane (2007) defendem que o empreendedorismo deve ser visto como um processo em andamento, e que em cada fase desse processo as variáveis inerentes ao empreendedor devem ser consideradas, seja de nível individual (habilidades, técnicas, talentos, motivos, traços etc.), seja de nível interpessoal ou grupal (informações fornecidas por terceiros, clientes, capitalistas de risco etc.), seja de nível social (políticas governamentais, tecnologia, condições econômicas), observando-se que interagem entre si e influenciam em todas as ações e decisões tomadas pelos empreendedores.

Sendo assim, Baron e Shane (2007) destacam que ao considerarmos o empreendedorismo como um processo em andamento, evitamos a visão do empreendedor de forma estática, passando para uma visão do empreendedor de forma dinâmica e adaptando-se às tarefas e aos desafios que lhe são propostos, a depender do contexto em que estão inseridos. A Figura 1 a seguir aclara a visão dos autores:

Figura 1 - O empreendedorismo como processo: algumas fases importantes



Fonte: Baron e Shane (2007, p.16).

Entretanto, mesmo reconhecendo a dinâmica do empreendedor caracterizada pelas constantes mudanças, faz-se necessário a sua classificação. Dolabela (2008),

embasado no estado da arte do tema e em sintonia com o GEM, classifica o empreendedor em basicamente quatro tipos:

- a) Empreendedor por Oportunidade - O criador de pequenas empresas. Esse tipo de empreendedor está intimamente ligado à criatividade, à percepção de oportunidades e à inovação, procurando nichos mercadológicos, ou seja, lacunas de necessidades não atendidas pelas grandes empresas e pela produção em massa;
- b) Empreendedor por Necessidade - O criador do auto-emprego, pessoas que não conseguindo colocação no mercado, vêm-se obrigadas a criar o seu próprio emprego, como única alternativa. Esses empreendedores não são movidos pela inovação, portanto não poderiam ser chamados de empreendedores no sentido shumpteriano do termo, sendo representados principalmente por recém-formados e por demitidos de corporações;
- c) Intra-empendedor - O profissional dos novos tempos. Além de dominar os conhecimentos do estado-da-arte, deve ser especialista no que não existe, sendo capaz de conceber um novo futuro e transformá-lo em realidade. Exige-se hoje um alto-grau de empreendedorismo, mesmo das pessoas que estão empregadas em corporações; elas devem ser capazes de dominar tecnologias, conhecer o negócio, auscultar os clientes, atendendo suas necessidades, e, principalmente, devem introduzir inovações na corporação, que se traduzam em vantagens competitivas para as mesmas;
- d) Empreendedor *Spin-Off* - são empreendedores que surgem através de gerações de novas empresas e negócios a partir de empresas existentes. A percepção de oportunidades de inovação e a criação de valor exigem novos modelos de negócio em formatos organizacionais diferentes da organização de origem, criando negócios assemelhados, com empreendedores gerados a partir da empresa-mãe.

Outro ponto importante a se considerar é a tentativa de definição do que venha a ser o “empreendedor de sucesso”. Os conceitos e métricas utilizados nesse trabalho são baseados no GEM, que não define especificamente o que venha ser o “empreendedor de sucesso”, por reconhecer que o empreendedorismo é um fenômeno complexo que abrange uma variedade de contextos. Mas o GEM utiliza

uma categoria que pode ser tomada como uma aproximação da definição de um “empreendedor de sucesso”, ao considerar a relação entre o empreendedor e o estágio do empreendimento, classificando desta forma:

- a) Iniciais - Empreendedores que estão à frente de negócios até 42 meses de vida (três anos e meio). Esses empreendedores subdividem-se em dois tipos: (nascente) à frente de negócios em implantação, e (novos) cujos negócios já estão em funcionamento e geram remuneração por pelo menos três meses;
- b) Estabelecidos - Empreendedores que estão à frente de empreendimentos há mais de 42 meses gerando remuneração. Na métrica utilizada pelo GEM, essa é a categoria mais próxima do que venha ser “empreendedor de sucesso”.

Dornelas (2008a), em concordância com o GEM, alerta do perigo da busca de uma métrica única na definição de sucesso como empreendedor, reconhecendo ser algo muito complicado, mas necessário, pois esses exemplos motivam, inspiram e indicam o caminho para os iniciantes. Também Vesper (1992) assinala que nenhuma classificação poderá incluir todas as variáveis importantes, sendo que as diferentes classificações de empreendedor nos oferecem apenas a possibilidade de combinar teorias numa abordagem multidimensional que venha aclarar o fenômeno do empreendedorismo.

A prática do empreendedorismo dos indivíduos de um país e o tipo de relação entre a sociedade, o governo e esses indivíduos (empreendedores) requer uma análise minuciosa do impacto no desenvolvimento econômico desses países.

2.1 O RELATÓRIO GEM

“O empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o século XXI mais do que a revolução industrial foi para o século XX.” (TIMMONS, 1990 apud DORNELAS, 2008, p. 5). Conta Dolabela (2008) que a Inglaterra na década de vinte foi o primeiro país a estudar a importância da pequena empresa na economia; essas pesquisas continuaram até 1971, sendo sistematizadas através do relatório da Comissão Bolton em 1969. Entre as conclusões do relatório, estão duas importantes descobertas. A primeira é a de que pequenos negócios geram mais empregos que grandes organizações, e a segunda descoberta revela que os pequenos negócios

surgem quando as circunstâncias não favorecem a produção em massa das grandes empresas e sua conseqüente economia de escala.

Nos Estados Unidos da América (EUA), prossegue Dolabela (2008), uma pesquisa em 1973 realizada pelo *U.S. Small Business Administration* (SBA), órgão governamental estadunidense, concluiu que as pequenas empresas criavam cerca de 80% do emprego líquido nos EUA, proporcionando mais crescimento econômico que as grandes empresas. Dornelas (2008a) acrescenta que o Reino Unido e alguns países da Comunidade Européia têm criado órgãos nos moldes do SBA visando aumentar as suas atividades empresariais. É consenso que a conjunção de um intenso dinamismo empresarial e um rápido crescimento, somados aos baixos índices de desemprego e às baixas taxas de inflação, como por exemplo, o que ocorreu nos EUA na década de 1990 e início de 2000, apontam para uma conclusão: “O empreendedorismo é o combustível para o crescimento econômico, criando emprego e prosperidade.” (DORNELAS, 2008a, p.9).

Não seria difícil elencar aqui várias teorias de estudiosos do desenvolvimento econômico que se contrapõem às conclusões de Dornelas (2008a). Porém este apressa-se em reconhecer que a atual crise pela qual passam os americanos, desencadeada pelo “*sub-prime*”⁵ e com irradiação para vários setores da economia e para a maioria das economias mundiais, resulta em um novo desafio onde a resposta para vencer a crise continua sendo a mesma: estimular o empreendedorismo em todos os níveis.

O projeto GEM foi criado em 1997, por um grupo de pesquisadores de instituições distintas, o *Babson College* dos Estados Unidos, e o *London Business School*, da Inglaterra, em uma iniciativa conjunta com o objetivo de medir as atividades empreendedoras dos países e observar o seu relacionamento com o crescimento econômico.

O GEM pode ser considerado o mais ambicioso estudo no que se refere ao acompanhamento do empreendedorismo nos países; outrossim o número de países participantes vêm crescendo substancialmente a cada ano, chegando, em 2008, a 43 países participantes. Desta forma, com os dados coletados e comparados entre

⁵ *Sub-prime* é um crédito de risco que é concedido a um tomador que não oferece garantias suficientes para se beneficiar de taxas de juros mais vantajosas (GONTIJO, 2008).

os países, revelam-se tendências econômicas e sociais que podem ser cruciais para tomadas de decisão e políticas a ser adotadas. A importância do projeto também pode ser medida pela abrangência demográfica, pois os países pesquisados representam mais de dois terços da população mundial e aproximadamente 95% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, sendo os resultados dessas pesquisas publicados em relatórios anuais.

No Brasil, o projeto GEM tem como instituição executora o Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP), e estão também envolvidos no projeto o SEBRAE como principal entidade promotora da pesquisa, o Serviço Social da Indústria do Paraná (SESI/PR), o Serviço Social do Comércio do Paraná (SESC/PR) e a Universidade Positivo, como parcerias técnicas. A nona edição ininterrupta da pesquisa GEM no Brasil traz uma metodologia que se aperfeiçoa a cada ano através de um novo olhar para o fenômeno empreendedor.

De acordo com Greco e outros autores (2009), no relatório do GEM de 2008, os principais itens destacados no sumário são:

Quadro 5 – Itens relatório GEM 2008

(continua)

<p>1 Panorama e evolução do empreendedorismo no Brasil</p> <p>1.1 Panorama mundial do Empreendedorismo em 2008</p> <p>1.2 Evoluções da atividade empreendedora no Brasil</p> <p>1.2.1 Estágio: empreendimentos nascentes e empreendimentos novos</p> <p>1.2.2 Motivação: empreendimentos por necessidade e por oportunidade</p> <p>1.3 Sumários sobre a atividade empreendedora nos países selecionados: G20 e AL</p> <p>2 Tecnologia e mercado nas atividades empreendedoras: fragilidades e possibilidades</p> <p>2.1 Empreendedorismo e Potencial Tecnológico: comparação internacional</p> <p>2.1.1 Comparação internacional do Potencial de Inovação</p> <p>2.1.2 Comparação internacional do poder de mercado</p> <p>2.2 Análise geral da inovação nos empreendimentos brasileiros</p> <p>2.3 Financiamentos do empreendedorismo no Brasil</p> <p>2.4 Mercados: absorção de inovação</p> <p>2.4.1 Absorção por faixa etária</p> <p>2.4.2 Absorção por nível de escolaridade</p>

2.4.3 Absorção por faixa de renda

2.4.4 Absorção em perspectiva comparada

2.5 Intra-empendedorismos

3 Características do empreendedor

3.1 Características do empreendedor

3.1.1 Tendências demográficas da atividade empreendedora no *ranking* mundial

3.1.2 Tendências demográficas da atividade empreendedora no Brasil

3.1.3 Descontinuidade e empreendedor em série

3.1.4 Características da rede de relacionamento (*network*) no empreendedorismo brasileiro

4 Programas e políticas

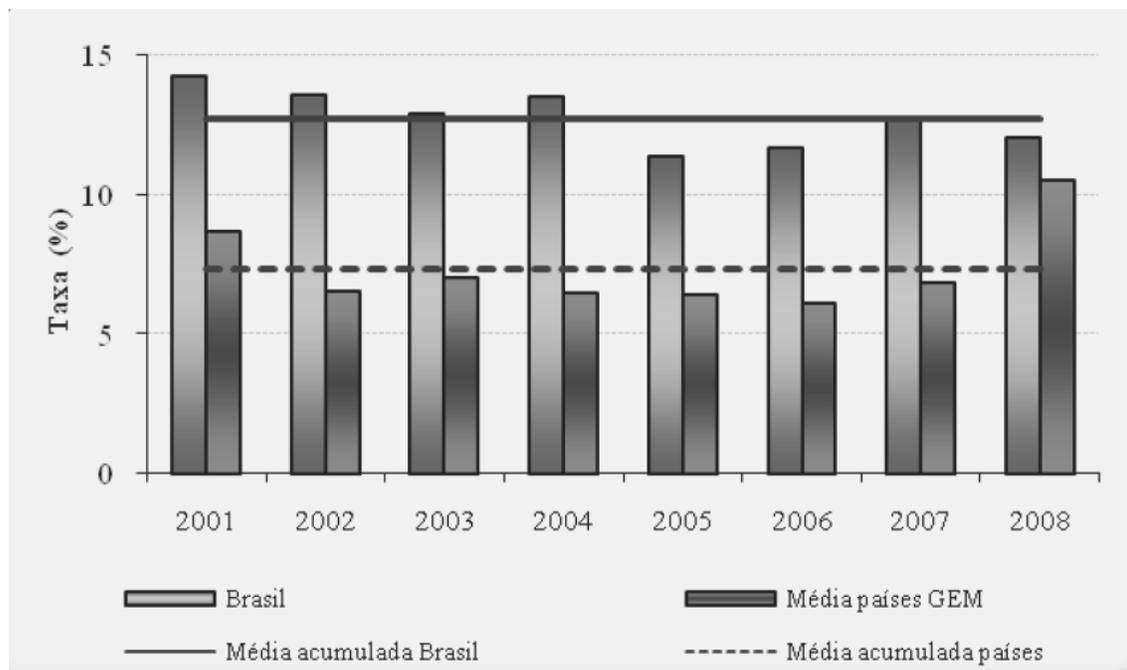
4.1 Educação e treinamento

4.2 Programas de apoio

Fonte: Adaptado de Greco e outros autores (2009).

Pelos itens acima destacados, podemos verificar que o modelo proposto pelo GEM avalia um conjunto de condições que afetem diretamente a atividade empreendedora. Essas condições, denominadas EFC, traduzidas para o português como Condições Nacionais que Afetam o Empreendedorismo, determinam a capacidade de um país encorajar empresas nascentes, que, combinadas com habilidades e determinação daqueles que desejam abrir novos negócios, influenciam o processo empreendedor. A seguir destaca-se na Figura 2 alguns itens deste relatório.

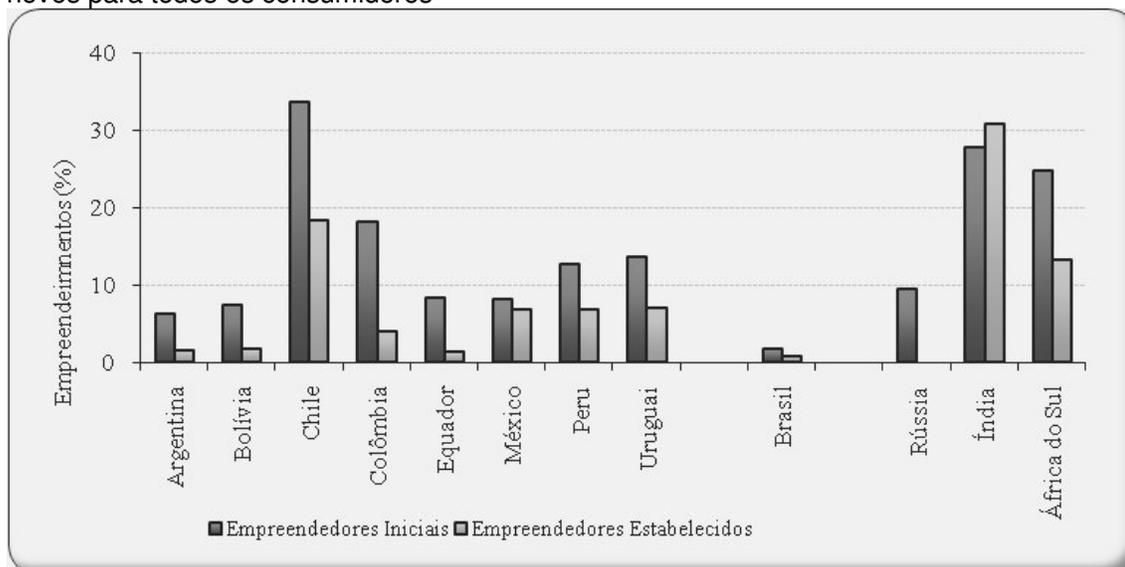
Figura 2 - Evolução da taxa de empreendedores iniciais (TEA) brasileira em comparação com a média dos países participantes dos GEM de 2001 a 2008



Fonte: Greco e outros autores (2009, p. 28).

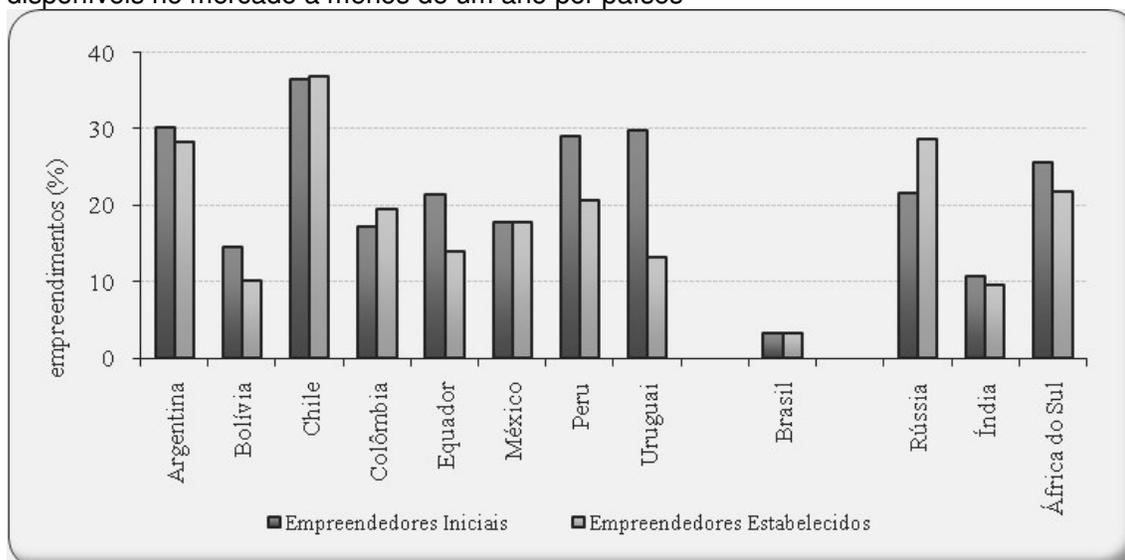
Ao observar a Figura 2 acima, verifica-se que o Brasil ocupou a 13ª posição no ranking mundial de empreendedorismo realizado pelo GEM em 2008. A Taxa de Empreendedores em Estágio Inicial (TEA) brasileira foi de 12,02%, o que significa que de cada 100 brasileiros, 12 realizavam alguma atividade empreendedora até o momento da pesquisa. Essa taxa está relativamente próxima da média histórica brasileira, que é de 12,72%. Porém, Greco e outros autores (2009) lembram que pela primeira vez, desde que a pesquisa foi iniciada no Brasil, o país ficou fora do grupo dos dez países com maior taxa de empreendedorismo. A mudança se deve principalmente à alteração no conjunto de países participantes da pesquisa GEM 2008 e não significa necessariamente uma piora do Brasil. Países como Bolívia, Angola, Macedônia e Egito realizaram a pesquisa GEM pela primeira vez neste ano e ocuparam posições entre os dez países com as maiores taxas de empreendedorismo.

Figura 3 - Proporção dos empreendimentos iniciais e estabelecidos que lançam produtos novos para todos os consumidores



Fonte: Greco e outros autores (2009, p. 64).

Figura 4 - Proporção dos empreendimentos iniciais e estabelecidos que utilizam tecnologias disponíveis no mercado a menos de um ano por países



Fonte: Greco e outros autores (2009, p. 65).

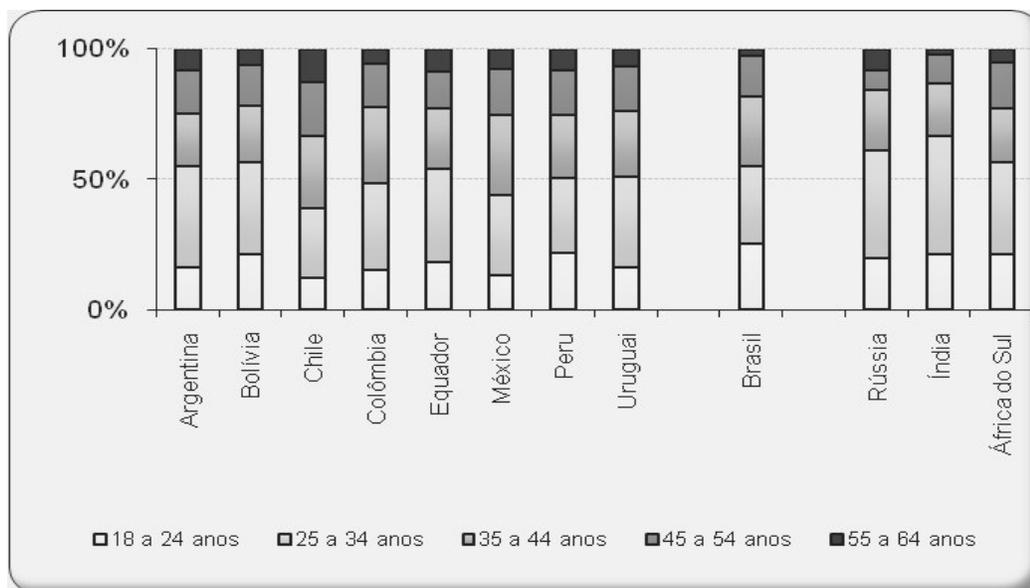
Uma importante descoberta do GEM 2008 em relação a Tecnologia e Mercado está representada nas Figuras 3 e 4 (acima), as quais detalham que, entre os países que realizaram a pesquisa GEM em 2008, o Brasil apresenta-se com uma das mais baixas taxas de lançamento de produtos novos (desconhecidos para o consumidor) e de uso de tecnologias disponíveis há menos de um ano no mercado.

Essa informação mostra que o Brasil é um dos países cujos empreendimentos novos e estabelecidos têm um limitado potencial tecnológico.

Greco e outros autores (2009) analisam essa situação como preocupante em economias baseadas em conhecimento e em um mercado globalizado, no qual a competitividade depende claramente da capacidade de inovação dos empreendimentos frente a seus concorrentes no mercado internacional. A economia brasileira não é mais uma economia fechada e protegida dos competidores com tradição de inovação. Portanto algumas perguntas estão inerentes a essa defasagem tecnológica apresentada na pesquisa do GEM 2008 e são destacadas na conclusão do relatório:

- a) Será que essa brutal diferença encontra-se em fatores tecnológicos?
- b) O Brasil tem menor acesso à tecnologia do que o Chile e outros países da América Latina e BRIS (Brasil, Rússia, Índia e África do Sul)?
- c) Se o problema dos empreendimentos não se encontra no acesso às novas tecnologias, quais os fatores ambientais, culturais e sociais que explicam esse baixo desempenho?
- d) Pode o Brasil enfrentar a competição internacional sem enfrentar as causas sociais?

Figura 5 - Empreendedores iniciais nos países da América Latina e BRIS por faixa etária em 2008



Fonte: Greco e outros autores (2009, p. 93).

Na Figura 5 (acima) fica exposta uma outra descoberta interessante da pesquisa GEM 2008: o Brasil possui um dos menores índices de participação do adulto de meia-idade (55-64 anos) no empreendedorismo (3%), colocando-se na quadragésima posição entre os quarenta e dois países analisados. Que fatores levam os países – por exemplo, Coréia, Japão, Itália e Dinamarca – a apresentarem uma baixa proporção de participação do jovem no empreendedorismo? Greco e outros autores (2009) acreditam que, por possuírem o elevado nível de renda e escolaridade, estrutura de produção estável e tecnologia avançada, esses países estão aumentando o tempo de formação e retardando a entrada do jovem no mercado de trabalho.

Em contraposição, países como Irã, Jamaica, Brasil e Egito apresentam baixo nível de distribuição de renda, e o jovem é obrigado a entrar cedo no mercado de trabalho para aumentar a renda familiar. Nesses países, encontra-se o jovem empreendedor por necessidade em atividades de baixa produtividade, alocados em atividades de serviços voltados para consumidores. Prosseguindo a análise (que se coloca no quadro de tendências observado): a reduzida participação do adulto de meia-idade no empreendedorismo em países de renda baixa ou média, como, por exemplo, os da América Latina e BRIS. Trata-se de um segmento que, em face de condições como o baixo nível de renda, a baixa escolaridade, a qualidade de vida precária e a aposentadoria ou poupança acumulada comprometida com o orçamento familiar e a manutenção de filhos e netos, não se lança aos empreendimentos de risco.

Greco e outros autores (2009) concluem que a pesquisa GEM 2008 não só destaca as deficiências dos países em incentivar o empreendedorismo como também verifica o nível de desenvolvimento de políticas governamentais e programas privados ou mistos na área do empreendedorismo.

2.2 EMPREENDEDORISMO: PANORAMA BRASILEIRO

No Brasil o maior órgão de apoio ao empreendedorismo é certamente o SEBRAE, uma entidade privada, sem fins lucrativos, criada em 1972 para incentivar o empreendedorismo e o desenvolvimento do Brasil, através da promoção da competitividade e do desenvolvimento sustentável dos empreendimentos de micro e pequeno porte. Com um orçamento anual de R\$ 2.167.271.000,00 (SEBRAE, 2009)

atuando em todo território nacional, o SEBRAE utiliza, como ferramenta básica do desafio de possibilitar a competitividade e a sustentabilidade das micros e pequenas empresas do país, a informação. Todas as ações, projetos, produtos e serviços da instituição consideram que apenas a cultura do aprendizado e do uso do conhecimento podem garantir uma gestão competitiva, eficiente e moderna. Para repassar essas informações, o SEBRAE utiliza diversos produtos, como cursos, consultorias, treinamentos, palestras, seminários, eventos e publicações, dos quais podemos destacar entre outros:

- a) Empretec, um curso, criado em parceria com as Nações Unidas, cujo objetivo é capacitar o empreendedor, estimulando as mudanças no comportamento pessoal para que estas reflitam no campo empresarial; para tanto, são utilizadas entrevistas, oficinas e vivências que ajudarão o empreendedor a incrementar ou começar o seu negócio;
- b) Desafio SEBRAE, um jogo de empresas voltado para estudantes de todo o Brasil que estejam cursando o ensino superior, independente do curso de graduação, de forma que estes estudantes tenham contato com o ambiente e a dinâmica empreendedora, utilizando para isso um *software* exclusivo.

Outra importante ação do SEBRAE está no desenvolvimento de novas soluções em áreas-chaves para o crescimento dos micros e pequenos empreendimentos, sendo elas destacadas no Quadro abaixo:

Quadro 6 - Desenvolvimento de soluções em áreas-chaves

Área-Chave	Solução Apresentada
Políticas públicas que criem um ambiente institucional mais favorável a novos empreendimentos.	<ul style="list-style-type: none"> - Articulação para regulamentação da Lei Geral das Micros e Pequenas Empresas nos estados. - Apoio a Frente Parlamentar da Micro e Pequena Empresa. - Busca de tratamento diferenciado para Micro e Pequenas Empresas nas compras governamentais - Premio SEBRAE Prefeito Empreendedor.
Acesso a novos mercados.	<ul style="list-style-type: none"> - Disponibilização de informações de estratégia de acesso a novos mercados.
Acesso a tecnologia e inovação.	<ul style="list-style-type: none"> - Apoio a inclusão digital. - Disponibilização de cursos gratuitos no portal da inovação. - Promoção da Feira do Empreendedor.
Facilitação e ampliação do acesso aos serviços financeiros.	<ul style="list-style-type: none"> - Parceria com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e o Banco do Brasil.

Fonte: Adaptado de informações do SEBRAE (2009).

Em relação às políticas governamentais de incentivo ao empreendedorismo no Brasil, uma questão crucial está no movimento das entidades públicas e privadas de apoio ao empreendedorismo para um tratamento diferenciado e simplificado às empresas de micro e pequeno porte. Apesar de haver um longo caminho a ser percorrido, algumas conquistas foram importantes. De forma cronológica, podemos destacar a Constituição de 1988 nos artigos, emendas e leis abaixo descritos (SEBRAE, 2009).

- a) **Artigo 170** - Fixou que “a ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social”. Para isso, devem ser observados nove princípios, entre eles “tratamento favorecido para as empresas brasileiras de capital nacional de pequeno porte”. Os outros princípios são: soberania nacional, propriedade privada, função social da propriedade, livre concorrência, defesa do consumidor, defesa do meio ambiente, redução das desigualdades regionais e sociais e busca do pleno emprego;
- b) **Artigo 179** - Estabeleceu o seguinte: “A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios dispensarão às microempresas e às empresas de pequeno porte, assim definidas em lei, tratamento jurídico diferenciado, visando a incentivá-las pela simplificação de suas obrigações administrativas, tributárias, previdenciárias e creditícias, ou pela eliminação ou redução destas por meio de lei”;
- c) **Emenda Constitucional nº 6, de agosto de 1995** - O artigo 170 ganhou a seguinte redação específica: “[...] tratamento favorecido para as empresas de pequeno porte constituídas sob as leis brasileiras e que tenham sua sede e administração no País”;
- d) **A Lei 9.317 de dezembro de 1996** – que ficou conhecida como a lei do **Simples Federal**, criando um sistema integrado e simplificado de pagamento de Impostos e Contribuições para micro e pequenas empresas;
- e) **A Lei 9.841 de outubro de 1999** - transformou o tratamento jurídico diferenciado, previsto nos artigos 170 e 179 da constituição, o que se chamou **Estatuto da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte**,

contendo 43 artigos que enfatizam a previdência social, as relações trabalhistas, as linhas de crédito, o desenvolvimento e a capacitação tecnológica;

- f) **A Emenda Constitucional nº 42, de dezembro de 2003** - modifica o artigo 146 do capítulo do Sistema Tributário Nacional, diferencia e favorece as microempresas e as empresas de pequeno porte, incluindo regimes especiais para estas nos casos do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) e da contribuição do Programa de Integração Social (PIS), além de permitir o caminho para que um regime único de arrecadação dos impostos e contribuição da União, Estados e Municípios. Assim, por meio de um único documento as microempresas e empresas de pequeno porte passarão a pagar todos os tributos e cumprir obrigações acessórias.

No tocante a iniciativas não governamentais de fomento ao empreendedorismo, um dos líderes no Brasil é o Instituto Endeavor, criado a partir de uma parceria com o Instituto Endeavor Inc., uma organização internacional sem fins lucrativos, formada por um grupo de ex-alunos da Universidade de Havard com o objetivo de promover o empreendedorismo em países em desenvolvimento, acreditando que a mentalidade empreendedora, possa ser replicada. O Endeavor Brasil iniciou suas atividades em junho de 2000 com a missão de disseminar exemplos inspiradores de empreendedores de sucesso para a sociedade brasileira e fomentar o conhecimento com a realização de *workshops* e debates. Atualmente, o Instituto Endeavor conta com o apoio de grandes empresas nacionais e internacionais, atingindo anualmente em seus eventos a participação de mais de 400.000 possíveis empreendedores (ENDEAVOR, 2009).

Não obstante todas essas iniciativas destacadas, Dornelas (2008b) alerta para a falta de políticas duradoras dirigidas para a consolidação do empreendedorismo no país, além da necessidade de urgência na desmistificação do paradigma cultural de não-valorização do empreendedor de sucesso que tem construído e gerado a riqueza neste país. Compactuando com Dornelas (2008), Barbosa (2005 apud DOLABELA, 2008) explica que, devido às diferenças de oportunidade na sociedade brasileira, existe uma grande dificuldade de explicar o enriquecimento de indivíduos pela atividade empresarial, sendo comum atribuir o

sucesso financeiro à herança ou ao protecionismo, à sorte ou às atividades ilícitas. Numa sociedade de grandes contrastes sócio-econômicos, é natural que a livre competição seja vista como um mecanismo social negativo, pois as pessoas estarão competindo em desigualdade de condições. Sendo assim, prossegue Barbosa (2005 apud DOLABELA, 2008), os mecanismos que são criados no Brasil, com o sentido de apoiar o empreendedorismo, devem procurar, sobretudo estimular à criação e a implementação de uma visão em que o empreendedor seja valorizado, promovendo uma cultura empreendedora que possa aumentar o interesse dos indivíduos em empreender.

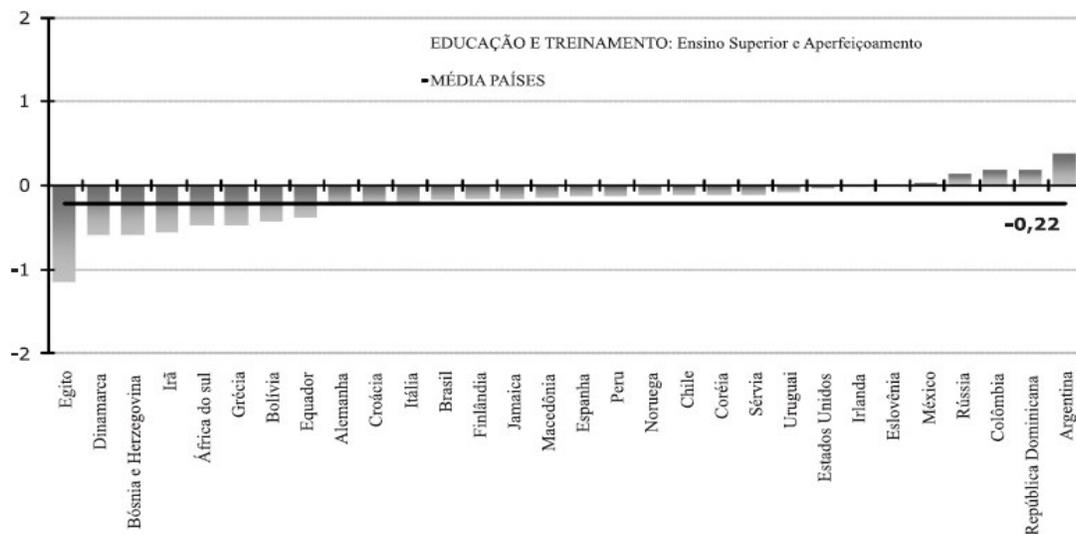
Em sintonia com esse raciocínio, o professor Degen (1989) chama a atenção para duas forças que infelizmente inibem a livre iniciativa no Brasil e conseqüentemente o processo de destruição criativa: uma é a estatização que é geralmente combinada com a excessiva regulamentação e a outra o capitalismo selvagem ou oligopolista.

2.3 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Como pode-se observar na seção anterior, existe um conjunto importante de iniciativas para fomento do empreendedorismo no Brasil, especialmente sob a forma da criação de uma legislação e de políticas públicas que favoreçam as empresas nascentes e as micros e pequenas empresas brasileiras, por meio da simplificação e desoneração de seu regime fiscal, da promoção do acesso à tecnologia e a novos mercados, e da ampliação do acesso a serviços financeiros.

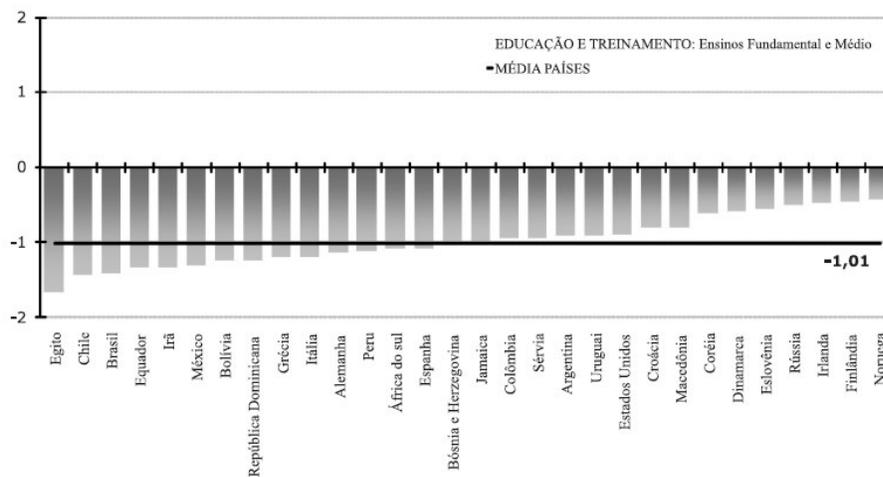
Mas em relação à formação dos empreendedores, em que nível se encontra o Brasil? O GEM 2008 em seu relatório explicita a grande fragilidade do Brasil em relação ao acesso à informação de seus empreendedores.

Figura 6 - Percepção dos especialistas em relação à contribuição do ensino fundamental e médio para o desenvolvimento das atividades empreendedoras



Fonte: Greco e outros autores (2009, p.116).

Figura 7 - Percepção dos especialistas em relação à contribuição do ensino superior e aperfeiçoamento para o desenvolvimento das atividades empreendedoras



Fonte: Greco e outros autores (2009, p.116).

Nas Figuras 6 e 7 acima, pode-se observar que no tocante à educação empreendedora, o Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer. Segundo Greco e outros autores (2009), nos dados da pesquisa GEM Brasil 2008, constata-se que

grande parte dos empreendedores brasileiros, o equivalente a 90%, não participou de atividades educacionais relacionadas à abertura de negócios em qualquer época. Quando considerados os não-empreendedores, esse percentual sobe para 94%. Esse cenário reflete, em parte, a própria dificuldade que o setor educacional brasileiro enfrenta para atender às demandas provenientes das novas tecnologias da educação e do conhecimento, como também o fator histórico da exclusão social e das desigualdades de desenvolvimento, típicas de um processo de mudança socioeconômica e política.

A constatação do GEM Brasil 2008 da fragilidade do Brasil em relação à baixa formação educacional dos empreendedores nacionais nos remete a uma questão central: É possível ensinar empreendedorismo? A grande maioria dos estudiosos do tema acredita que sim, mas não existe um consenso entre eles sobre a metodologia a ser aplicada no ensino.

Vesper (1992) e Gibb (1981), além de defenderem a possibilidade do ensino do empreendedorismo, acrescentam que as metodologias de ensino a serem adotadas devem ter como parâmetro o pressuposto de que a educação empreendedora requer centrar-se no desenvolvimento de habilidades que facilitem a tomada de decisões, que englobariam a capacidade de inovar, assumir riscos e resolver problemas. Portanto, os programas devem privilegiar atividades que demandem muita participação dos alunos com a utilização de estratégias na construção do objeto de ensino e aprendizagem.

Filion (1999) revela que uma das primeiras e mais amplas tentativas de análise da metodologia a ser aplicada no ensino do empreendedorismo, foi realizada nos EUA através de um compêndio de planos de ensino de disciplinas de empreendedorismo publicado em 1993, por Karl H. Vesper, da Universidade de Washington, Seattle. Essa pesquisa serviu de base para a identificação da predominância de conteúdos e metodologias de ensinamentos utilizados em disciplinas dessa natureza. O compêndio apresentava a descrição básica da organização didático-pedagógica de disciplinas de empreendedorismo oferecidas em 272 universidades estadunidenses, sendo identificadas metodologias cujas técnicas (como depoimentos dados por empreendedores, projetos de análise de oportunidades, estudo de caso e plano de negócio) constavam do conteúdo programático da grande maioria das universidades pesquisadas. Filion (1993),

aliando-se com Vesper (1992) e também com Gibb (1981), ao estudar a relação entre empreendedorismo e educação, critica o ensino por estudo de caso, pois ele não possibilita a vivência em reais condições de incerteza, apontando ainda para a necessidade de aprimoramento dos professores em todos os níveis da educação, a fim de desenvolver a construção de um ambiente empreendedor. Em um novo estudo, Gibb (1981) descreve o tratamento secundário dado a pequenas e médias empresas nas escolas de negócio, resultando numa deficiência na formação dos alunos. Timmons (1971) acrescenta que as exigências financeiras não estão entre os temas principais das disciplinas de empreendedorismo, o que é especialmente vital para empresas novas e emergentes.

No Brasil, só a partir de 1990 algumas instituições de ensino começaram a oferecer disciplinas nos cursos de graduação e pós-graduação ligadas ao ensino do empreendedorismo, e desde então a tendência das IES em oferecer disciplina específica para o ensino do empreendedorismo tem crescido substancialmente. Nesse contexto, pesquisadores começaram uma ampla análise da metodologia utilizada na disciplina específica do ensino do empreendedorismo (que em sua grande maioria é denominada empreendedorismo), de forma a perceber, primeiro, quais os conjuntos de conteúdo estão sendo aplicados e, segundo, quais são os mais produtivos para a formação de futuros empreendedores.

Dornelas (2008a) defende uma metodologia de ensino do empreendedorismo focado na identificação e no entendimento das habilidades do empreendedor, na identificação e análise de oportunidades (em como ocorre a inovação e o processo empreendedor), na importância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico (em como preparar e utilizar um plano de negócio, em como identificar fontes e obter financiamento para novo negócio, e em como gerenciar e fazer a empresa crescer).

Baseando-se principalmente na prática das últimas três décadas, Dolabela (2008) concorda com a maioria dos pesquisadores que é possível ministrar o ensino do empreendedorismo a qualquer pessoa. E, entretanto, ressalta que tal aprendizado se dá sob circunstâncias específicas, e que o que se pode fazer é desenvolver o potencial empreendedor presente na espécie humana. Quanto à metodologia a ser utilizada no ensino do empreendedorismo, Dolabela (2008) condena a educação formal que usa a didática convencional, ressaltando que é

necessário a criação de uma metodologia específica que privilegie o processo de aprendizado e não de ensino, na qual o aluno possa proceder como um empreendedor na vida real: fazendo, errando, corrigindo rumos e criando.

Mas no Brasil, em que ponto se encontram e quais as conclusões das pesquisas realizadas nas IES brasileiras em relação ao conteúdo e metodologias utilizadas nas disciplinas específicas para formação empreendedora?

Dutra e Peixoto (2001) pesquisaram os egressos no curso de administração da Universidade Estadual de Londrina no Paraná (UEL/PR) e sua formação empreendedora, a fim de perceber quais os elementos são utilizados para aperfeiçoar a qualidade de ensino de graduação em administração voltada para o empreendedorismo, bem como traçar um perfil das IES quanto ao ensino de empreendedorismo e concluíram que o ensino de empreendedorismo é uma tendência, e que seus principais conteúdos são plano de negócio e *marketing*.

Hoeltgebaum e Tomio (2001) analisaram o universo total de alunos da disciplina de Formação de Novos Empreendimentos do curso de Administração da Fundação Universidade Regional de Blumenau em Santa Catarina (FURB/SC), as expectativas dos alunos quanto à referida disciplina e a predisposição ao empreendedorismo dos mesmos, constatando que 80% dos alunos consideravam essencial a disciplina de formação de novos negócios.

Prosseguindo com estudos sobre empreendedorismo, Silveira, Flores e Hoeltgebaum (2008) participam, juntos com outros pesquisadores, de um projeto para análise do ensino e da produção científica em empreendedorismo nas instituições de ensino superior do Brasil. Esse projeto de pesquisa propõe a realização de um estudo qualitativo e quantitativo através de entrevistas e pesquisas documentais em cursos de graduação, mestrado acadêmico e profissionalizante, e doutorado dos cursos de administração reconhecidos. Silveira, Flores e Hoeltgebaum (2008) justificam que tal estudo em empreendedorismo se faz necessário na medida em que o ensino e as publicações se expandem no Brasil e no mundo. Assim sendo, é de grande importância uma pesquisa nacional para observar o que está sendo ensinado, o que está sendo pesquisado, até onde está sendo publicado o conhecimento gerado em empreendedorismo pelas IES do Brasil e se esse conhecimento gerado está sendo retroalimentado em Programas de Pós-graduação do Brasil.

Seguindo essa corrente de pesquisa, Marcarini (2003) realizou uma pesquisa em universidades do estado de Santa Catarina, procurando identificar se o empreendedorismo está presente no ensino dos cursos de graduação em administração, e concluiu que o empreendedorismo está presente na estrutura curricular da grande maioria das IES estudadas, seja como habilitação do curso, seja como disciplina, seja como eixo temático. Esse levantamento foi efetuado com profissionais cuja função é coordenativa e com os professores da disciplina empreendedorismo dos cursos de administração da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e das instituições de ensino superior ligadas à Associação Catarinense das Fundações Educacionais (ACAFE), no Estado de Santa Catarina, por serem estas as instituições de maior porte e representatividade no Estado. Os profissionais pesquisados eram em sua grande maioria graduados em administração e aproximadamente 50% são formados há mais de dez anos e mostravam-se preocupados com sua atualização profissional. No concernente aos pós-graduados, estavam concentrados no mestrado e no doutorado da área da administração; em relação à ementa, Marcarini (2003) observou que a maioria das IES pesquisadas focava as características do empreendedor, as alianças estratégicas e o plano de negócio; e quanto à bibliografia adotada, os autores Dolabela, Filion, Degen e Tom Peters figuravam entre os mais citados.

As conclusões gerais da pesquisa de Marcarini (2003) conduzem ao entendimento de que o ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação em administração das principais instituições de ensino superior catarinenses apontam para que o enfoque maior deve ser dado à criação de novos negócios seguido da oportunidade de crescimento econômico, inovação e criatividade, orientado através de uma visão estratégica, técnicas de negociação e o despertar do conhecimento social, psicológico e filosófico.

Quanto ao ensino do empreendedorismo nos cursos de administração prossegue Marcarini (2003) a grande maioria dos entrevistados classificou-o como imprescindível ou essencial, e quando perguntados sobre quais as suas propostas para desenvolvimento de empreendedorismo nos cursos de graduação em administração, foram destacadas a criação de incubadoras, o oferecimento de disciplinas com foco no empreendedorismo, a junção entre teoria e prática, o

estimulo a criatividade, a palestras, a cursos, a visitas a empresas e à adoção do empreendedorismo como eixo central do curso.

Já Tezza (2004) analisou a realidade do ensino do empreendedorismo nos cursos de graduação em administração nas universidades do estado do Paraná através de uma metodologia próxima a de Marcarini (2003), o que permite uma comparação em diferentes contextos. Concluindo que o enfoque do empreendedorismo na estrutura curricular das universidades pesquisadas estava presente manifestando-se como disciplina obrigatória, ou disciplina optativa, ou em tópicos especiais. As ementas da disciplina empreendedorismo tinham concordância entre os temas plano de negócio e empreendedorismo. A bibliografia mais observada tinham relação com os autores Degen, Dolabela, Chiavenato e Fillion. As instituições pesquisadas optaram em sua maioria a oferecerem disciplinas específicas em empreendedorismo nas últimas fases dos cursos, depois que as disciplinas básicas foram ministradas.

A caracterização dos docentes realizada nessa pesquisa demonstra que a grande maioria é formada em administração, sendo que todos são especialistas e uma grande maioria, mestre; quanto aos doutores e doutorandos, foram 23,6% do total dos entrevistados. Em relação às tendências empreendedoras, foi percebida uma preocupação em aproximar o desenvolvimento dos conhecimentos teóricos adquiridos com a prática.

Tezza (2004) encerra o estudo, concluindo que o ensino do empreendedorismo nos cursos de administração das universidades paranaenses vem ocorrendo, porém não de forma solidificada, e que algumas mudanças podem ser realizadas no sentido de preparar o acadêmico para ser mais bem situado em relação às novas perspectivas de mercado.

Para Silveira; Flores e Hoeltgebaum (2008) o empreendedorismo tem tido um valor crescente no mundo em virtude das inúmeras mudanças que estão ocorrendo nas relações de trabalho, emprego e renda. Portanto a formação de empreendedores torna-se uma questão importante, esses pesquisadores analisaram os programas de pós graduação em administração no Brasil, que possuem linhas de pesquisa, área de concentração e disciplinas de empreendedorismo em sua estrutura curricular. Foram analisados os planos de ensino das disciplinas de empreendedorismo quanto às ementas, cargas-horárias e bibliografias em

programas de mestrado e doutorado reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Os resultados revelam que o número de disciplinas de empreendedorismo e a carga horária refletem uma tendência ao crescimento da ênfase do empreendedorismo nos programas analisados. O plano de negócios, inovação, criação de novos negócios e reconhecimento de oportunidades foram os tópicos mais abordados. Fillion, Birley e Muzyca, e Drucker foram os autores mais presentes nas bibliografias das disciplinas. A conclusão evidenciou que o tema do empreendedorismo vem se projetando nesse nível de estudos de pós-graduação em administração, sendo relevante o papel das IES.

Em consulta à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD, 2009), do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), ao introduzir as palavras Ensino e Empreendedorismo no serviço de pesquisa, foram encontrados 38 teses e dissertações disponível para pesquisas, das quais 5 eram de pesquisadores ligados a instituição de ensino da região Nordeste do País, 8 da região Sudeste, 1 da região Centro-Oeste e 24 da região Sul. Esses números permitem constatar que a grande maioria das pesquisas realizadas no Brasil referentes ao ensino do empreendedorismo são desenvolvidas por instituições de ensino da região Sul e em sua grande maioria tem como objeto de estudo instituições localizadas na mesma região. Dessa forma fica explícito a necessidade de pesquisa relativa ao ensino do empreendedorismo nas outras regiões do Brasil, em especial na região Nordeste.

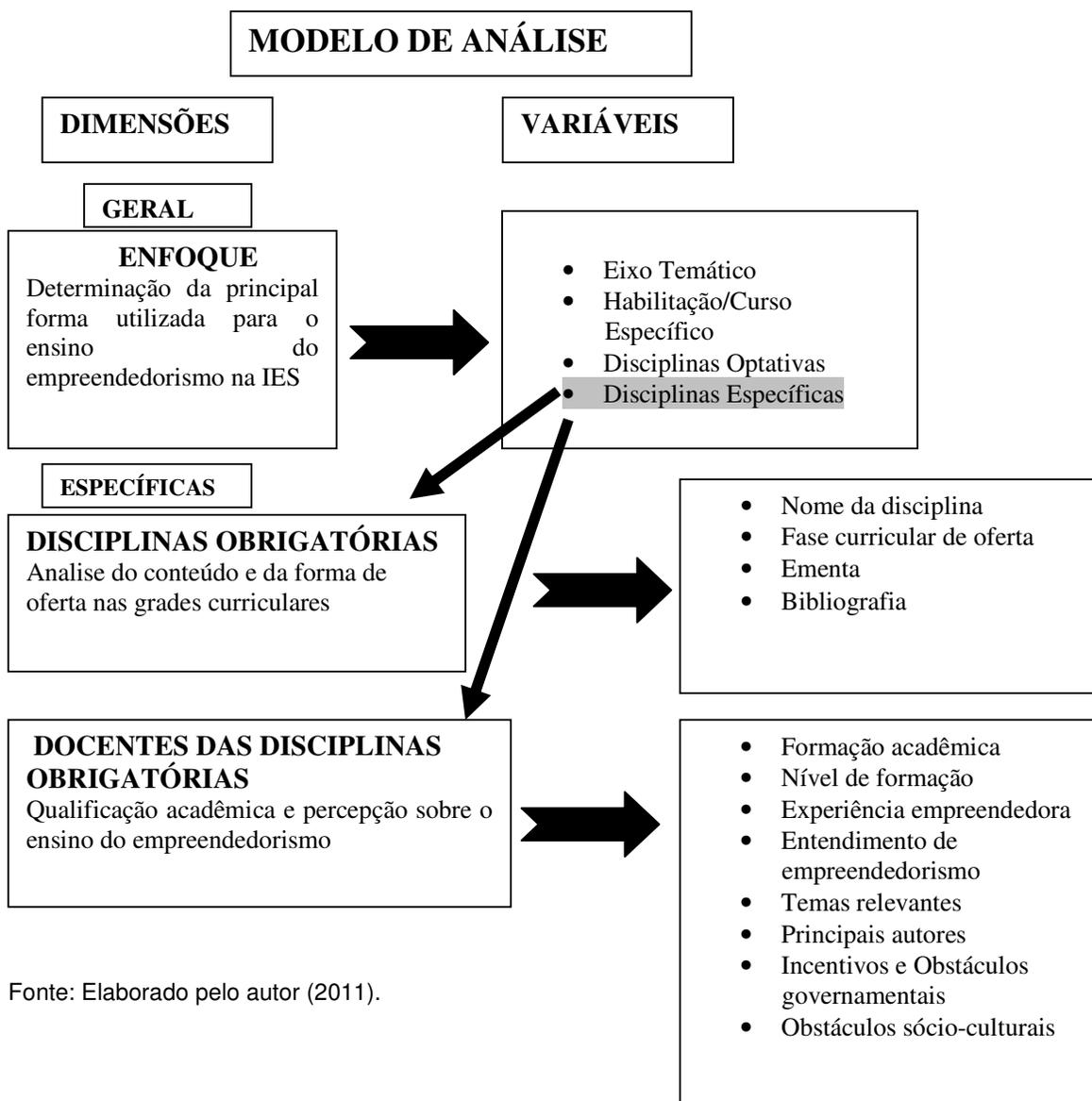
3 METODOLOGIA

Essa seção apresenta o método e as técnicas de pesquisas para a efetivação do estudo, sendo iniciado pelo delineamento da pesquisa; seguidos do modelo de análise, das dimensões e das variáveis operacionais; dos procedimentos operacionais; da população e amostra; dos instrumentos de coleta de dados sendo encerrado com as limitações da pesquisa.

3.1 MODELO DE ANÁLISE – DIMENSÕES E VARIÁVEIS

Baseado na revisão teórico-histórica realizada, foi estruturado o modelo de análise da pesquisa, composto por um conjunto de variáveis que recorta a realidade empírica e possibilita a discussão analítica do objeto de pesquisa.

Figura 8 - Modelo de análise da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor (2011).

O modelo de análise prevê inicialmente, em uma dimensão geral, a identificação do enfoque de ensino do empreendedorismo adotado em cada IES pesquisada (variável Enfoque), que, por sua vez, permite a determinação do subconjunto das que adotam disciplinas específicas em empreendedorismo nas suas grades curriculares. Em seguida, para esse subconjunto, são consideradas duas dimensões analíticas específicas que reúnem as variáveis de maior interesse do estudo.

A primeira dimensão específica, a análise do conteúdo e da forma de oferta das disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo nos cursos pesquisados, procurou compreender a maneira como as IES inserem a transmissão dos conteúdos de empreendedorismo e a forma de disponibilização dessas disciplinas em sua estrutura curricular. Essa dimensão expressa-se em quatro variáveis: a determinação dos nomes das disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo (Nomes), a determinação das fases em que são oferecidas as disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo (Fases), a caracterização das ementas das disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo (Ementas) e a descrição da bibliografia utilizada nas disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo (Bibliografia).

A segunda dimensão específica abrange a qualificação acadêmica profissional dos docentes e as suas percepções sobre o ensino do empreendedorismo, procurando caracterizar os docentes envolvidos na transmissão dos conteúdos. Essa dimensão é amparada em oito variáveis: a formação acadêmica do docente (Formação Acadêmica), o nível de educação formal dos docentes (Nível de Formação), a experiência empreendedora dos docentes (Experiência Empreendedora), o entendimento dos docentes em relação ao empreendedorismo (Entendimento do Empreendedorismo), os temas mais relevantes no ensino do empreendedorismo (Temas Relevantes), os principais autores sobre o tema empreendedorismo no entendimento dos docentes (Autores), os principais incentivos e obstáculos governamentais encontrados consoantes os docentes para o empreendedorismo (Obstáculos e Incentivos Governamentais) e os obstáculos sócio-culturais, encontrados nos discentes na percepção dos docentes, para disseminação do empreendedorismo (Obstáculos Sócio-culturais).

A dimensão geral do modelo restringe-se à variável enfoque dada ao ensino do empreendedorismo (Enfoque), que foi categorizada como: eixo temático do curso (os conteúdos de Empreendedorismo são transmitidos transversalmente pela inserção de aspectos específicos de conteúdo em várias disciplinas do currículo), disciplina obrigatória (os conteúdos são transmitidos através de disciplinas obrigatórias específicas para todos os alunos), disciplina optativa (os conteúdos são disponibilizados através de disciplinas específicas não obrigatórias para todos os alunos), habilitação do curso (o empreendedorismo constitui uma habilitação, ou mesmo um curso específico com um conjunto de disciplinas obrigatórias centradas em empreendedorismo) e outras abordagens (os conteúdos são inseridos de forma diversa das relacionadas). Para os respondentes que escolheram a categorização disciplina optativa ou outras abordagens, foi-lhes também solicitado aos mesmos a indicação do nome dessas disciplinas e/ou descrição dessas abordagens e utilizou-se essa informação para categorizar os nomes indicados.

Dentro de cada dimensão específica, as variáveis foram categorizadas e especificadas da seguinte forma:

- a) Análise do conteúdo e da forma das disciplinas obrigatórias e específicas em empreendedorismo;
 - Determinação dos nomes das disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo (Nomes): título escolhido para indicar a disciplina,
 - Determinação das fases em que são oferecidas as disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo (Fases): a fase indica o semestre da estrutura curricular em que a disciplina é disponibilizada,
 - Caracterização das ementas das disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo (Ementas): a determinação das ementas das disciplinas específicas em empreendedorismo é realizada por meio do levantamento da categorização de tópicos,
 - Descrição da bibliografia utilizada nas disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo (Bibliografia): nomeação dos títulos da bibliografia utilizada nas disciplinas específicas em empreendedorismo.
- b) Caracterização acadêmica profissional dos docentes e da sua percepção sobre o ensino do empreendedorismo;

- Formação acadêmica do docente (Formação Acadêmica): a variável foi estruturada em duas categorias: administração e outras. Para os respondentes que escolheram a categoria outras, foi solicitado o nome da formação, que foi categorizada,
- Nível de educação formal dos docentes (Nível Formação): a variável foi categorizada em: especialista, mestre e doutor, determinando qual o nível de educação formal em que se encontra,
- Experiência empreendedora dos docentes (Experiência Empreendedora): a variável visa determinar se já tinham passado por alguma experiência empreendedora em sua vida profissional. Foi estruturada em duas categorias: não e sim. Para os respondentes que escolheram a categorização sim, foi-lhes também solicitado descrever o tipo de experiência, e utilizou-se a descrição para categorizar as experiências,
- Entendimento dos docentes sobre o empreendedorismo (Entendimento do Empreendedorismo): descrição do que o docente entende por empreendedorismo em pergunta aberta,
- Temas mais relevantes no ensino do empreendedorismo (Temas Relevantes): determinação de três temas que os docentes acreditam ser os mais relevantes para o ensino do empreendedorismo,
- Principais autores sobre o tema empreendedorismo no entendimento dos docentes (Autores): a variável foi categorizada em: Dolabela, Dornelas, Filion, Degen, Chiavenato, Drucker e outros, para a escolha do principal autor sobre o tema. Para os docentes que escolheram a categorização outros, foi-lhes também solicitada a determinação do nome desse autor, e utilizou-se a descrição para categorizar esses autores,
- Principais incentivos e obstáculos governamentais para o empreendedorismo, conforme a percepção dos docentes (Obstáculos e Incentivos Governamentais): determinação de três incentivos e de três obstáculos, relacionados ao governo, que incentivam ou que interferem na propagação do empreendedorismo no Brasil,
- Obstáculos sócio-culturais encontrados nos discentes, na percepção dos docentes, para a disseminação do empreendedorismo (Obstáculos Sócio-culturais): determinação de três obstáculos sócio-culturais encontrados nos discentes que interferem na disseminação do empreendedorismo.

3.2 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS

A parte empírica da pesquisa teve seu primeiro passo com a consulta ao *site* www.emec.mec.gov.br (em 30 de dezembro de 2008), do Ministério da Educação (MEC), para a definição das Instituições de Ensino Superior (IES) da cidade do Salvador que seriam pesquisadas, com o intuito de observar como são estruturadas as IES quanto à organização acadêmica, categoria administrativa e para a identificação de quais e quantos cursos em administração são oferecidos pelas IES que se enquadravam no objetivo da pesquisa, além do nome dos seus coordenadores. Em seguida, foram consultados o *site* de cada uma das IES selecionadas, a fim de montar um breve histórico e descrição das suas estruturas físicas, e verificar, nesses mesmos *sites*, a disponibilização das grades curriculares dos cursos selecionados, de forma a identificar quais disponibilizavam disciplinas específicas em empreendedorismo. A consulta também propiciou uma comparação com o *site* do Ministério da Educação para a atualização de informações. Esses dados foram inseridos em um formulário (APÊNDICE A) que, posteriormente, foi apresentado aos coordenadores dos cursos selecionados para atualizações quando forem necessárias.

O segundo passo procedeu-se com a elaboração de dois questionários (APÊNDICES B e C) estruturados, não disfarçados, com questões abertas, semi-abertas e fechadas de coleta de dados, visando ao levantamento de informações para a discussão das variáveis levantadas. As questões elencadas no questionário 1 – aplicado aos coordenadores dos cursos de administração - focaram as informações necessárias à discussão das variáveis especificadas para a dimensão geral (Enfoque) e para a primeira dimensão específica do modelo de análise (Disciplina Específica, Fase, Ementa, Bibliografia). O questionário 2 – aplicado aos coordenadores dos cursos de administração e aos docentes de disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo – focou as variáveis da segunda dimensão específica do modelo de análise (Formação Acadêmica, Nível de Formação, Experiência Empreendedora, Entendimento do Empreendedorismo, Temas Relevantes, Autores, Obstáculos e Incentivos Governamentais, Obstáculos Sócio-culturais).

O Quadro 7, a seguir, demonstra, de maneira simplificada, a relação de cada uma das variáveis com os itens dos questionários:

Quadro 7 - Correlação entre variáveis, questionários e itens

DIMENSÕES/VARIÁVEIS	ITEM / QUESTIONÁRIO
ENFOQUE DA IES NO ENSINO DO EMPREENDEDORISMO	
Enfoque	Item 1 do questionário de pesquisa 1
ANÁLISE DAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS E ESPECÍFICAS EM EMPREENDEDORISMO	
Disciplinas Específicas	Item 2 e 3 do questionário de pesquisa 1
Fases	Item 2 e 3 do questionário de pesquisa 1
Ementas	Item 4 do questionário de pesquisa 1
Bibliografia	Item 4 do questionário de pesquisa 1
CARACTERIZAÇÃO ACADÊMICA PROFISSIONAL DOS DOCENTES E A SUA PERCEPÇÃO SOBRE O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO	
Formação Acadêmica	Item 1 do questionário de pesquisa 2
Nível Formação	Item 2 do questionário de pesquisa 2
Experiência Empreendedora	Item 3 do questionário de pesquisa 2
Entendimento do Empreendedorismo	Item 4 do questionário de pesquisa 2
Temas Relevantes	Item 5 do questionário de pesquisa 2
Autores	Item 6 do questionário de pesquisa 2
Obstáculos e Incentivos Governamentais	Item 7 do questionário de pesquisa 2
Obstáculos Sócio-culturais	Item 8 do questionário de pesquisa 2

Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

O terceiro passo teve início com a visita do pesquisador as IES selecionadas para a atualização do formulário 1 se necessário com os coordenadores dos cursos, preenchimento do questionário 1 pelos coordenadores dos cursos e o preenchimento do questionário 2 também pelos coordenadores dos cursos, sendo que para as IES que possuíam disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo em sua grade curricular, o questionário 2 foi aplicado também aos professores dessas disciplinas. Quando ocorreu a impossibilidade do preenchimento direto dos questionários com o pesquisador, foram utilizados contatos telefônicos e correio eletrônico.

A população do estudo constou das IES que disponibilizavam cursos presenciais de graduação em administração na cidade do Salvador. O estudo foi censitário, isto é, considerou o todo da população como universo de pesquisa. Gil (1991) afirma que quando o levantamento recolhe informação de todos os integrantes do universo pesquisado, tem-se um censo.

Conforme dados do MEC (2008), a cidade do Salvador conta com 38 IES que disponibilizam cursos presenciais de graduação em administração; quanto à

organização acadêmica, 4 IES são Universidades, 2 IES são Centros Universitários, 1 IES é Instituto Federal de Ciência e Tecnologia e 31 IES são faculdades; quanto à categoria administrativa, 3 IES são públicas e 35 IES são privadas.

O Quadro 8 mostra as IES pesquisadas e suas classificações:

Quadro 8 - IES pesquisadas e suas classificações

(continua)

Nº	IES	Organização acadêmica	Categoria administrativa
01	Centro Universitário da Bahia- FIB	C. Universitário	Privada
02	Centro Universitário Jorge Amado- UNIJORGE	C. Universitário	Privada
03	Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação de Salvador- FACOC	Faculdade	Privada
04	Faculdade Amec Trabuco- AMEC	Faculdade	Privada
05	Faculdade Batista Brasileira- FBB	Faculdade	Privada
06	Faculdade Castro Alves- FCA	Faculdade	Privada
07	Faculdade Cidade do Salvador- FCS	Faculdade	Privada
08	Faculdade da Bahia- FAB	Faculdade	Privada
09	Faculdade de Artes, Ciências e Tecnologias- FACET	Faculdade	Privada
10	Faculdade de Ciências Gerenciais da Bahia- UNICENID	Faculdade	Privada
11	Faculdade Delta- FACDELTA	Faculdade	Privada
12	Faculdade de Tecnologia e Ciências- FTC	Faculdade	Privada
13	Faculdade de Tecnologia Empresarial- FTE	Faculdade	Privada
14	Faculdade Dois de Julho- F2J	Faculdade	Privada
15	Faculdade Dom Pedro II- FDP II	Faculdade	Privada
16	Faculdade Einstein	Faculdade	Privada
17	Faculdade Hélio Rocha- FHR	Faculdade	Privada
18	Faculdade Isaac Newton- FACINE	Faculdade	Privada
19	Faculdade Maurício de Nassau- FMN Salvador	Faculdade	Privada
20	Faculdade Montessoriano de Salvador- FAMA	Faculdade	Privada
21	Faculdade Pensar- FP	Faculdade	Privada
22	Faculdade Regional da Bahia- FARB	Faculdade	Privada
23	Faculdade Rui Barbosa- FRBA	Faculdade	Privada
24	Faculdade São Camilo	Faculdade	Privada
25	Faculdade São Salvador- FSS	Faculdade	Privada
26	Faculdade São Tomaz de Aquino	Faculdade	Privada
27	Faculdade Integradas Olga Mettig- Famettig	Faculdade	Privada
28	Faculdade Social da Bahia- FSBA	Faculdade	Privada
29	Faculdade Vasco da Gama- FVG	Faculdade	Privada
30	Faculdade Visconde de Cairu- FAVIC	Faculdade	Privada
31	Instituto Baiano de Ensino Superior- IBES	Faculdade	Privada
32	Instituto de Educação Superior Unyahna de Salvador- IESUS	Faculdade	Privada
33	Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Bahia- IFBA	IFET	Pública
34	Instituto Salvador de Ensino e Cultura- ISEC	Faculdade	Privada
35	Universidade Católica de Salvador- UCSAL	Universidade	Privada
36	Universidade do Estado Da Bahia- UNEB	Universidade	Pública
37	Universidade Federal da Bahia- UFBA	Universidade	Pública
38	Universidade Salvador- UNIFACS	Universidade	Privada

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do MEC (2008).

A partir da definição das IES que seriam pesquisadas, buscou-se analisar quais IES disponibilizavam, em suas grades curriculares, disciplinas obrigatórias

específicas em empreendedorismo. O resultado da análise mostrou que 23 IES incluíam em suas grades curriculares pelo menos uma disciplina obrigatória específica em empreendedorismo nos seus cursos de graduação em administração e que 2 IES não incluíam nenhuma disciplina obrigatória específica em empreendedorismo nos seus cursos de graduação totalizando 25 IES. É importante ressaltar por que 13 IES não tiveram a determinação da presença de disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo: 6 IES tiveram seus cursos de Administração descontinuados, 6 IES não receberam a visita do pesquisador e não disponibilizam suas grades curriculares nos respectivos *sites* institucionais, e 1 IES recusou participar da pesquisa. Portanto, a partir desses dados, foram determinadas as IES participantes de todas as fases da pesquisa, sendo as 3 universidades de um total de 4, os 2 centros universitários, 1 instituto federal e 16 faculdades de um total de 31. Dessas IES foram determinados os sujeitos sociais da pesquisa, sendo estes 19 coordenadores de curso e 24 professores de disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo, totalizando 43 profissionais envolvidos na pesquisa.

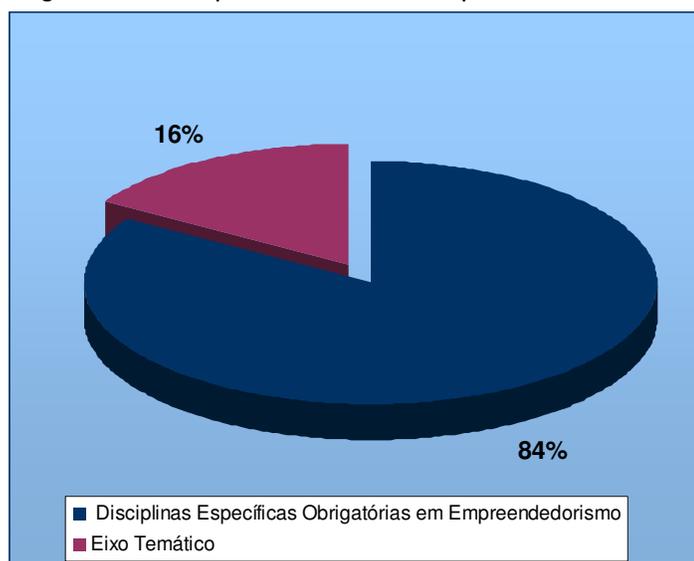
4 RESULTADOS DE PESQUISA

Nesta seção são apresentados, analisados e comparados os resultados da investigação nos cursos de administração, nas IES de Salvador, quanto ao ensino do empreendedorismo, seguindo o procedimento metodológico proposto.

4.1 DETERMINAÇÃO DO ENFOQUE DAS IES NO ENSINO DO EMPREENDEDORISMO

Analisando as IES quanto à dimensão geral, ou seja, o enfoque dado ao ensino do empreendedorismo, os resultados da pesquisa estão apresentados na figura 9 a seguir:

Figura 9 – Enfoque no ensino do empreendedorismo



Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

Conforme a Figura 9, observa-se que 21 das IES (84% do total) têm o enfoque do ensino do empreendedorismo em disciplinas obrigatórias específicas e 4 das IES (16% do total) têm o enfoque no eixo temático. O total de IES analisadas, descrito na figura 9, foi de 25 IES, corresponde a 19 IES em que os coordenadores dos cursos atualizaram o formulário 1 e responderam o questionário 1, adicionado das 6 IES que não receberam a visita do pesquisador, mas disponibilizam sua estrutura curricular em seus sites institucionais, permitindo dessa forma a análise do seu enfoque em relação ao ensino do empreendedorismo. É importante destacar que não foram identificados, em todas as IES pesquisadas, os enfoques: disciplina optativa, habilitação do curso e outras abordagens, que completam os 5 enfoques

relacionados no questionário 1. Esses resultados são análogos aos de Tezza (2004) e Marcarini (2003). Tezza (2004) pesquisou 10 IES paranaenses, sendo todas elas Universidades, e encontrou o enfoque em empreendedorismo em todas, estando estes determinados como: disciplina obrigatórias específicas ou disciplinas optativas, já Marcarini (2003) pesquisou 14 IES catarinenses e encontrou o enfoque em empreendedorismo em 71,43% das IES, sendo estes determinados como: habilitação do curso, eixo temático, disciplinas obrigatórias e disciplinas optativas.

4.2 DETERMINAÇÃO DAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS ESPECÍFICAS EM EMPREENDEDORISMO E COMPARAÇÃO DE SUAS FASES, EMENTAS E BIBLIOGRAFIAS

4.2.1 Determinação dos nomes das disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo

As disciplinas obrigatórias específicas são tituladas conforme descrito na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Determinação das disciplinas obrigatórias específicas

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS ESPECÍFICAS (Nomes)	Nº	
	DISCIPLINAS	%
Empreendedorismo (Plano de Negócio) (Negócios)	16	55,17%
Desenvolvimento (Administração) (Gestão) de Médias e pequenas empresas (Pequenos Negócios)	5	17,24%
Administração Empreendedora	2	6,90%
Empreendimento e Negócios	2	6,90%
Outras	4	13,79%
TOTAL	29	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

Conforme a Tabela 1, os nomes mais utilizados pelas disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo são: Empreendedorismo (Plano de Negócio) (Negócios) com 55,17%, Desenvolvimento (Administração) (Gestão) de Médias e Pequenas Empresas (Pequenos Negócios) com 17,24%, Administração Empreendedora e Empreendimentos e Negócios com 6,90%, e outras com 13,79%. Os termos entre parênteses são precedidos da conjunção *e*, e aditivados aos nomes das disciplinas em algumas IES, sem, contudo, modificar a similaridade entre essas, o que foi constatado na análise das suas ementas, e por esse motivo foi contabilizado como uma única disciplina na Tabela 1.

O processo de organização de uma disciplina é um grande desafio para instituições de ensino. Mapear e escolher os assuntos, a seqüência que esses assuntos serão abordados e designar um nome para uma disciplina são processos extremamente complicados. No que concerne aos nomes das disciplinas obrigatórias em empreendedorismo escolhidos pelas IES pesquisadas, percebe-se uma consonância com os assuntos mais relevantes tratados nessas disciplinas como: empreendedorismo, Plano de Negócio e Gestão de Pequenas e Médias Empresas.

4.2.2 Comparação das fases em que a disciplina é oferecida

As fases em que são oferecidas as disciplinas obrigatórias específica em empreendedorismo estão apresentadas na Tabela 2 a seguir:

Tabela 2 – Fases em que as disciplinas são oferecidas

Nº		
SEMESTRE	DISCIPLINAS	%
5º	9	31,03%
6º	4	13,79%
7º	10	34,49%
8º	6	20,69%
TOTAL	29	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

Conforme apresenta a Tabela 2, de um total de oito semestres, só a partir do quinto semestre, com mais de 50% do curso realizado, são oferecidas as disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo, quando outras disciplinas que servem como base já foram ministradas. O sétimo semestre, com 34,49% das disciplinas oferecidas, é o preferido das IES metropolitanas, seguido pelo quinto semestre com 31,03%, e pelo oitavo semestre, com 20,69%. Esses resultados, em uma análise superficial, se comparados com as pesquisas de Marcarini (2003) e Tezza (2004), apresentam resultados distintos. Marcarini (2003) constatou que 70% das disciplinas são oferecidas a partir do sétimo semestre e Tezza (2004) constatou que 77,8% das disciplinas são oferecidas também a partir do sétimo semestre. Se totalizarmos os números dessa variável no estudo agora apresentado a partir do sétimo semestre, encontramos o total de 55,18% das disciplinas sendo oferecidas, porém tanto Marcarini (2003) como Tezza (2004) incluíram em suas pesquisas IES que demandavam 10 semestres para conclusão do curso, portanto se subtrairmos o

nono e o décimo semestres dessa variável nos estudos de Marcarini (2003) e Tezza (2004), encontramos 50% e 66,7%, o que representa um resultado análogo a esse estudo. Outro dado importante a destacar é que tanto Marcarini (2003), com 10%, quanto Tezza (2004), com 22,2%, identificaram disciplinas em empreendedorismo oferecidas pelas IES antes do quinto semestre.

4.2.3 Comparação das ementas/tópicos

As sínteses dos tópicos das ementas estão apresentadas na Tabela 3 a seguir:

Tabela 3 – Síntese dos tópicos disponível nas ementas das disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo

TÓPICOS DA EMENTA	EMENTA/TÓPICOS %
Conceitos Definições de Empreendedor e Empreendedorismo	87%
Plano de Negócio	74%
Características do Empreendedor	63%
Identificação de Oportunidades	61%
Competências do Empreendedor	42%
Tomada de Decisão	32%
Planejamento Estratégico	27%
Criatividade e Inovação	18%
Linhas de Crédito	18%
Empreendedorismo no Brasil e Setor Rural	12%
Início e Ciclo de Vida da Empresa	12%
Fatores Internos e Externos à Empresa	12%
Características das Pequenas Empresas	12%

Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

A comparação entre as ementas permite verificar, através da Tabela 3 a síntese dos tópicos mais citados. Conceito Definições de Empreendedor e Empreendedorismo com 87%, Plano de Negócio com 74%, Características do empreendedor com 63% e Identificação de Oportunidades com 61%.

Em estudo análogo, Silveira, Flores e Hoeltgebaum (2008), realizam uma comparação dos assuntos mais indicados nos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, apresentados no Quadro 9 a seguir:

Quadro 9 - Comparação entre os assuntos mais indicados nos Planos de Ensino das disciplinas de empreendedorismo nos estados do sul do Brasil, 2007

Estados e Ano da pesquisa	1º assunto mais indicado	2º assunto mais indicado	3º assunto mais indicado
SC/2005	Empreendedor e Empreendedorismo	Empreendedorismo corporativo ou Entrepreneurship	Gestão ou Administração de Micros, Pequenas e Médias Empresas
PR/2006	Plano de Negócios	Empreendedorologia	Empreendedor
RS/2007	Plano de Negócio	Empreendedorologia	Busca de Oportunidades

Fonte: Silveira, Flores e Hoeltgebaum (2008).

O Quadro 9 apresentados por Silveira, Flores e Hoeltgebaum (2008) demonstra que existe total compatibilidade entre os resultados dos tópicos ou assuntos mais destacados nas ementas ou plano de ensino das IES da região Sul do país com as IES da cidade do Salvador. É importante destacar o significado do neologismo empreendedorologia citado no quadro 9 e muito utilizado nas ementas da região Sul. Fillion (1993) sugere que o assunto empreendedorismo teria sua essência no pragmatismo, enquanto a empreendedorologia teria sua essência nos estudos teóricos.

4.2.4 Comparação das bibliografias

Quanto a bibliografia utilizada pelas IES em suas ementas, os resultados estão apresentados na Tabela 4 a seguir:

Tabela 4 – Bibliografia mais indicada nas disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo (continua)

AUTOR	TÍTULO DA OBRA	Nº EMENTA	% TÍTULO EM RELAÇÃO AO TOTAL DE EMENTAS
Druker	Inovação e Espírito Empreendedor	7	43,75%
Dornelas	Transformando Idéias em Negócio	6	37,50%
Dolabela	O Segredo de Luísa	5	31,25%
Dolabela	Oficina do Empreendedor	4	25,00%
Dornelas	Empreendedorismo Corporativo	3	18,75%
Chiavenato	Introdução a Teoria Geral da Administração	2	18,75%

AUTOR	TÍTULO DA OBRA	Nº EMENTA	% TÍTULO EM RELAÇÃO AO TOTAL DE EMENTAS
Baty	Pequenas e Médias empresas dos anos 90	2	12,50%
Bernardi	Manual de Empreendedorismo e Gestão	1	6,25%
Bernardi	Manual de Plano de Negócios	1	6,25%
Pavani	Planejando o Sucesso do seu Empreendimento	1	6,25%
Porter	Estratégia Competitiva	1	6,25%
Kaplan & Norton	A Estratégia em Ação	1	6,25%
Kotler	Análise, Planejamento, Implementação e Controle	1	6,25%
Neto	Gestão de Pequenas e Médias Empresas de Base Tecnológica	1	6,25%
Cassarotto	Rede de Pequenas e Médias Empresas e Desenvolvimento Local	1	6,25%
Cassiolato	Pequenas Empresas Cooperação e Desenvolvimento Local	1	6,25%
Logenecker	Administração de Pequenas Empresas	1	6,25%
Tachizawa	Criação de Novos Negócios	1	6,25%
Biagio & Batocchio	Plano de Negócio: Estratégia para Micro e Pequenas Empresas	1	6,25%
Tachizawa	Criação de Novos Negócios	1	6,25%
Souza-Silva	Administrando Empresas Vencedoras	1	6,25%
Kotler	Administração de Marketing	1	6,25%
Degen	O Empreendedor	1	6,25%

Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

A Tabela 4 descreve os principais autores e títulos utilizados pelas IES. Nas bibliografias destacadas das disciplinas obrigatórias em empreendedorismo, Druker é o autor do título *Inovação e Espírito Empreendedor*, com 43,75%, o mais indicado nas bibliografias pesquisadas. Entretanto, Dornelas e Dolabela são os autores que têm mais títulos indicados nas bibliografias, dois cada um.

Em estudo análogo, Silveira, Flores e Hoeltgebaum (2008) realizam uma comparação dos autores e títulos mais indicados nos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, apresentados no quadro 10 a seguir:

Quadro 10 - Comparação entre os autores mais indicados nas bibliografias dos Planos de Ensino das disciplinas de empreendedorismo nos estados do sul do Brasil, 2007

Estados	1º autor mais indicado	2º autor mais indicado	3º autor mais indicado
SC	Dolabela	Dornelas	Degen
PR	Dornelas	Oliveira, Drucker e Degen	Filion
RS	Dolabela e Dornelas	Chiavenato	

Fonte: Silveira, Flores e Hoeltgebaum (2008).

Quadro 11 - Comparação entre as obras mais indicadas nas bibliografias dos Planos de Ensino das disciplinas de empreendedorismo nos estados do sul do Brasil, 2007

Estados	1º obra mais indicada	2º obra mais indicada	3º obra mais indicada
SC/2005	O segredo de Luísa	O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial	Empreendedorismo: transformando idéias em negócios
PR/2006	Empreendedorismo: Transformando idéias em negócios	O segredo de Luísa	Oficina do empreendedor
RS/2007	Empreendedorismo: transformando idéias em negócios	O segredo de Luísa	Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor

Fonte: Silveira, Flores e Hoeltgebaum (2008).

Os quadros 10 e 11 apresentados por Silveira, Flores e Hoeltgebaum (2008) demonstra que também nas IES da região Sul do país, Dolabela e Dornelas e suas obras *O segredo de Luísa* e *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios* estão, respectivamente, entre os mais indicados nas bibliografias.

4.3 CARACTERIZAÇÃO ACADÊMICA PROFISSIONAL DOS DOCENTES E A SUA PERCEPÇÃO SOBRE O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO

4.3.1 Formação Acadêmica

A formação acadêmica, dos docentes pesquisados envolvidos no ensino do empreendedorismo, está apresentada na Tabela 5 a seguir:

Tabela 5 – Graduação dos docentes (coordenadores dos cursos e professores das disciplinas obrigatórias específicas) das IES de Salvador

GRADUAÇÃO	Nº	
	DOCENTES	%
Administração	36	83,72%
Outras	7	12,28%
TOTAL	43	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

A Tabela 5 demonstra que, com 36 docentes e 83,72% do total, a grande maioria dos coordenadores dos cursos e dos professores das disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo têm formação acadêmica em Administração. A variável Outras resulta com 7 docentes (12,28% do total) com formação acadêmica em Economia, Ciências Contábeis, Engenharia Civil, Estatística e Direito. Esses resultados, se comparados com as pesquisas de Marcarini (2003) e Tezza (2004), apresentam resultados análogos; Marcarini (2003) constatou que 75% dos docentes pesquisados têm formação acadêmica em Administração, 15% em economia e 10% em outras áreas; Tezza (2004) constatou que 76,5% dos docentes têm formação acadêmica em Administração e 23,5% em outras áreas.

4.3.2 Nível de Educação Formal

O nível de educação formal, dos docentes pesquisados envolvidos no ensino do empreendedorismo, está apresentado na Tabela 6 a seguir:

Tabela 6 – Nível de educação formal dos docentes (coordenadores dos cursos e professores das disciplinas obrigatórias específicas) das IES de Salvador

NÍVEL DE EDUCAÇÃO FORMAL	Nº	
	DOCENTES	%
Especialista	15	34,89%
Mestre	25	58,14%
Doutor	3	6,97%
TOTAL	43	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

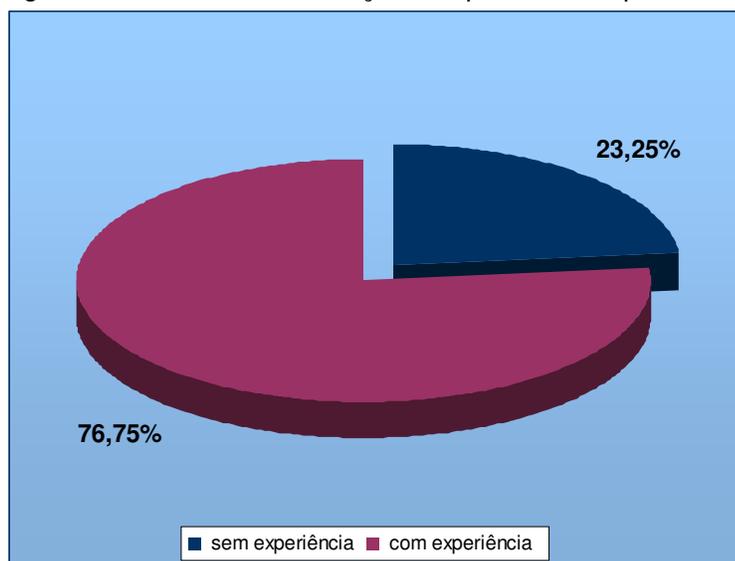
A Tabela 6 demonstra que, com 25 docentes e 58,14% do total de 43 docentes pesquisado, o número de mestres é significativamente superior ao de especialistas, que soma 15 docentes e 34,89% do total. Os doutores, com 3

docentes, representaram 6,97%. Esses resultados, se comparados com as pesquisas de Marcarini (2003) e Tezza (2004), apresentam resultados distintos: Marcarini (2003) constatou que de um total de 20 docentes pesquisados, 1 é especialista, (5 % do total), 14 são mestres (70% do total) e 5 são doutores (25% do total); Tezza (2004) constatou que de um total de 17 docentes pesquisados, 3 são especialistas (17,6% do total), 10 são mestres (58,8% do total) e 4 são doutores (23,6% do total). Nota-se na comparação desses resultados uma substancial diferença entre o número de especialistas e de doutores; enquanto nas IES deste estudo a porcentagem de especialistas e de doutores foi de 34,89% e 6,97% respectivamente, nos estudos de Marcarini (2003) e Tezza (2004), ao realizarmos uma média encontramos, 11,3% de especialistas e 24,3% de doutores, demonstrando resultados distintos entre os estudos.

4.3.3 Experiência Empreendedora

As experiências empreendedoras, dos docentes pesquisados envolvidos no ensino do empreendedorismo, está apresentado na Figura 10 e no Quadro 12 a seguir:

Figura 10 – Docentes em relação à experiência empreendedora



Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

Quadro 12 – Segmentos em que os docentes tiveram experiência empreendedora

Avaliação de Imóveis	Corretora de valores	Comércio Varejista
Construção de Imóveis	Representações	Alimentação
Empresa de Treinamento	Aviação	Sonorização
Escritório de Contabilidade	Consultoria	Transporte
Confecções	Segmento de Energia	Turismo

Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

A Figura 10 demonstra que, dos 43 docentes pesquisados, 23,25% não têm experiência empreendedora e 76,75% têm experiência empreendedora, em seguida o quadro 12 descreve os segmentos em que os docentes empreenderam. A variável Experiência Empreendedora dos docentes apresentada neste estudo, apesar de não ter sido encontrado outro estudo para comparação, tem o objetivo de colocar em debate as relações entre as especificidades metodológicas que requer os saberes disciplinares com a experiência profissional do docente.

4.3.4 Entendimento de Empreendedorismo

A questão aberta permitiu uma total liberdade aos pesquisados em expressar seu entendimento sobre o que é empreendedorismo; a Tabela 7 a seguir procurou categorizar e sintetizar esse entendimento.

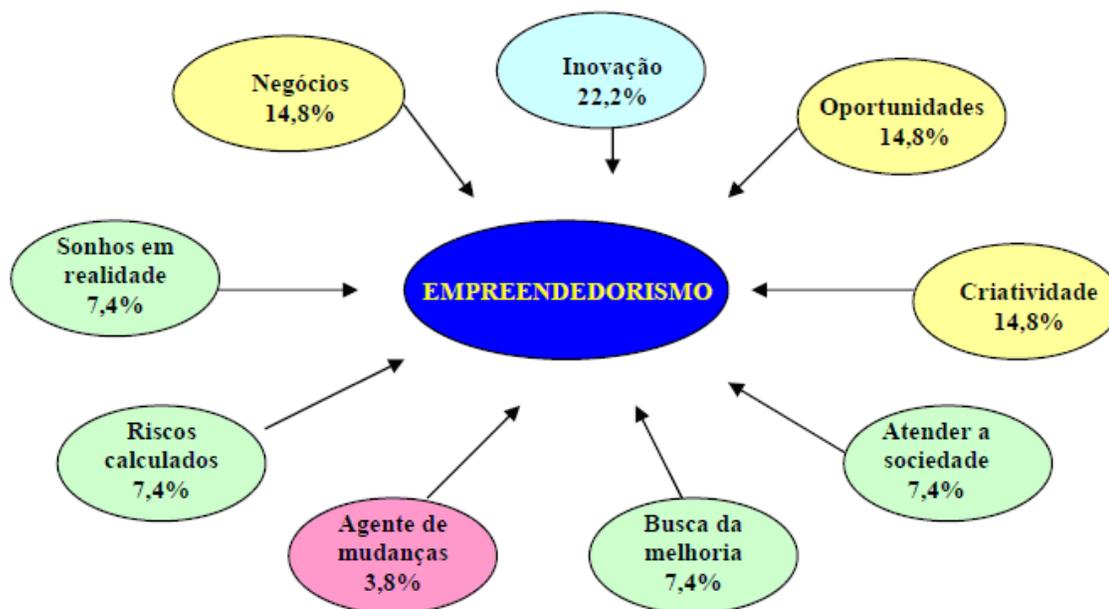
Tabela 7 – Síntese sobre o entendimento do empreendedorismo

ENTENDIMENTO EMPREENDEDORISMO (SÍNTESE)	Nº	
	DOCENTES	%
Criar, Planejar e Implementar	8	18,60%
Transformar Idéias em Realidade	6	13,96%
Aproveitar Oportunidades	6	13,96%
Criatividade e Inovação	5	11,63%
Gerar Negócios Superavitários	4	9,30%
Comportamento Proativo	4	9,30%
Busca por Conta Própria	4	9,30%
Predisposição Comportamental no Individuo	3	6,97%
Persistência Contra Adversidade	2	4,65%
Assumir Riscos Calculados	1	2,33%
TOTAL	43	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

Ao analisar a Tabela 7, observa-se que os docentes pesquisados relacionaram o seu entendimento de empreendedorismo com as sínteses Criar, Planejar e Implementar, Transformar Idéias em Realidade, Aproveitar Oportunidades e Criatividade e Inovação, o que correspondeu a 58,15% das sínteses do entendimento de empreendedorismo. Em uma questão aberta como a realizada no item 4 do questionário 2 deste estudo, a influência do pesquisador no resultado é sem dúvida significativa. As idiosincrasias do pesquisador são refletidas no processo de categorizar e sintetizar o entendimento dos docentes quanto ao empreendedorismo, dando margem a erros significativos. Atento a influência que é exercida pelo pesquisador no resultado dessa variável e com o objetivo de consubstanciar o resultado desse estudo, a seguir demonstramos a figura 11, na qual Tezza (2004), uma pesquisadora da Universidade Regional de Blumenau, em estudo análogo nas Universidades do estado do Paraná, relaciona o entendimento do empreendedorismo dos docentes pesquisados e chega a resultados análogos.

Figura 11 - Entendimento de empreendedorismo por parte dos docentes pesquisados



Fonte: Tezza (2004).

4.3.5 Temas mais Relevantes no Ensino do Empreendedorismo

A Tabela 8 a seguir demonstra os temas mais relevantes citados pelos pesquisados para o ensino do empreendedorismo.

Tabela 8 – Temas mais relevantes no ensino do empreendedorismo (continua)

TEMAS MAIS RELEVANTES NO ENSINO DO EMPREENDEDORISMO	Nº INDICAÇÕES	% EM RELAÇÃO AO TOTAL DE INDICAÇÕES
Plano de Negócio	12	12,63%
Gestão de pessoas	8	8,42%
Aproveitamento de Oportunidade	7	7,37%
Inovação	6	6,30%
Planejamento	6	6,30%
Conceito do Empreendedor	6	6,30%
Perfil do Empreendedor	6	6,30%
Gestão Financeira	4	4,21%
Análise de Viabilidade Econômica	4	4,21%
Liderança	4	4,21%
Cases	3	3,16%
Pesquisa de Mercado	3	3,16%
Gestão Estratégica	3	3,16%
Criatividade	2	2,10%
Cultura Empreendedora	2	2,10%
Ferramentas para Capacitação do Empreendedor	2	2,10%
Empreendedor Social	2	2,10%
Criatividade	2	2,10%
Mitos e Realidades	2	2,10%
Captação de Recurso	2	2,10%
Inclusão Digital	1	1,05%
Análise Ambiental	1	1,05%
Atitude	1	1,05%
Atualidade	1	1,05%
Conhecimento Experimental	1	1,05%
Teoria e História do Processo	1	1,05%
Evolução Tecnológica	1	1,05%

TEMAS MAIS RELEVANTES NO ENSINO DO EMPREENDEDORISMO	Nº INDICAÇÕES	% EM RELAÇÃO AO TOTAL DE INDICAÇÕES
Coragem	1	1,05%
Risco	1	1,05%
TOTAL	103	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

Ao analisarmos a Tabela 8, observa-se que: Plano de Negócio, Gestão de Pessoas, Aproveitamento de Oportunidades e Inovação estão entre os temas mais citados pelos docentes pesquisados. Também Marcarini (2003) e Tezza (2004) destacaram, entre os temas mais citados, o Plano de Negócio, o Aproveitamento de Oportunidades e a Inovação. A seguir apresentamos a tabela 9 de Tezza (2004) e tabela 10 de Marcarini (2003).

Tabela 9 – Síntese dos conteúdos para ementa da disciplina de empreendedorismo

Conteúdo Para Ementas	Nº	%
Empreendedor e empreendedorismo	6	19,4
Plano de negócios	6	19,4
Processo visionário	4	12,9
Conceito de negócio	3	9,7
Projeto de elaboração e desenvolvimento de uma empresa	3	9,7
Avaliação da atratividade de novos negócios	2	6,5
Gestão dos novos negócios	2	6,5
Engenharia de Projeto	1	3,2
Inovação e criatividade	1	3,2
Marketing	1	3,2
Matriz de estrutura lógica	1	3,2
Qualidade e competitividade	1	3,2
Total	31	100,0

Fonte: Tezza (2004).

Tabela 10 – Ementas sugeridas pelos professores e coordenadores catarinenses

Conteúdo Para Ementas	Nº	%
Ementas	6	14,62
Características do empreendedor	5	12,20
Plano de negócios	4	9,74
Alianças estratégicas	3	7,32
Perfil do empreendedor	3	7,32
Visão	3	7,32
Criação de empresas	3	7,32
Jogos de empresas	3	7,32
Marketing	3	4,88
Habilidades do empreendedor	2	4,88
Empreendedorismo no Brasil e no mundo	2	4,88
Estudos de casos	2	4,88
Conhecimento	1	2,44
Seu próprio negócio	1	2,44
Cultura Organizacional	1	2,44
Qualidade	1	2,44
Empreendedorismo e globalização	1	2,44
Total	41	100,0

Fonte: Marcarini (2003).

A distinção entre os estudos é notada no tema Gestão de Pessoas, que aparece com 8,42% do total das citações neste estudo enquanto que nos estudos de Marcarini (2003) e Tezza (2004) não estão citados.

4.3.6 Principal Autor Sobre o Tema

A Tabela 11 a seguir demonstra os principais autores sobre o tema empreendedorismo na visão dos docentes pesquisados.

Tabela 11 – Principal autor sobre o tema

AUTOR PRINCIPAL	DOCENTES	%
Dolabela	16	37,21%
Drucker	12	27,92%
Dornelas	10	23,26%
Chiavenato	2	4,65%
Degen	1	2,32%
Filion	1	2,32%
Outros	1	2,32%
TOTAL	43	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

Ao analisarmos a Tabela 11, constata-se que o autor mais relevante quanto ao tema empreendedorismo na visão dos docentes pesquisados é Dolabela com 37,21% das indicações, seguido por Drucker e Dornelas com 27,92% e 23,26% das indicações respectivamente. O único autor indicado na variável (outras) foi Schumpeter e correspondeu a apenas 2,32% das indicações. Tezza (2004) também analisou os autores mais relevantes na visão dos docentes e comparou com o estudo de Marcarini (2003) como demonstram a tabela 12.

Tabela 12 – Principais autores dos empreendedorismo na visão dos docentes do PR e SC

Autores	Média obtida	
	Docentes do Paraná	Docentes de Santa Catarina
Dolabela	7,7	9,5
Tom Peters	6,5	7,9
Degen	5,0	8,5
Chiavenato	4,4	6,4
Filion	4,3	8,7
Robbins	2,8	7,3
Resnik	2,8	7,7
Longnecker	2,7	7,8
Schell	1,8	6,9
Moris	1,6	7,4

Fonte: Marcarini (2003 apud TEZZA, 2004).

Ao realizarmos uma comparação dos principais autores do tema empreendedorismo entres os estudos de Marcarini (2003), Tezza (2004) e este estudo, percebe-se que houve uma maior diversidade nos autores citados pelos docentes das IES pesquisadas no Paraná por Tezza (2004) e em Santa Catarina por Marcarini (2003) e também são notadas nesses estudos as ausências de Dornelas e Drucker entre os autores principais citados.

4.3.7 Incentivos e Obstáculos Governamentais

As Tabelas 13 e 14 a seguir demonstram, na visão dos pesquisados, os principais incentivos e os principais obstáculos governamentais para a disseminação do empreendedorismo no Brasil.

Tabela 13 – Incentivos governamentais

INCENTIVOS	Nº INDICAÇÕES	%
SEBRAE	24	24,74%
Lei da Micro e Pequena Empresa	19	19,59%
Disponibilidade de Linhas de Crédito	15	15,46%
Formalização do Empreendedor Individual	15	15,46%
Financiamentos	8	8,25%
Programa de Micro-Crédito	6	6,18%
Apoio a Programas Televisivos Específicos para Empreendedores	3	3,10%
Nenhum	3	3,10%
Feiras de Empreendedores	1	1,03%
Apoio a <i>Clusters</i>	1	1,03%
EMBRAPA	1	1,03%
Incentivos Fiscais	1	1,03%
TOTAL	97	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

Tabela 14 – Obstáculos governamentais

OBSTÁCULOS	Nº INDICAÇÕES	%
Carga Tributária Elevada	23	20,91%
Falta de Disponibilidade de Linhas de Crédito	18	16,36%
Falta de Apoio à Educação Empreendedora	13	11,82%
Falta de Políticas de Incentivo ao Empreendedorismo	12	10,91%
Alta Taxa de Juros	10	9,10%
Políticas Públicas	9	8,18%
Disfunções Burocráticas Tributárias	8	7,27%
Disfunções Burocráticas da Administração Pública	7	6,36%
Baixo Investimento em Inovação	7	6,36%
Baixa Difusão do Tema em Meios Eletrônicos	1	0,91%
Falta de Apoio a Incubadoras	1	0,91%
Ações Relevantes na Região Nordeste	1	0,91%
TOTAL	110	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

Ao analisarmos a Tabela 13 que se refere aos incentivos governamentais citados pelos pesquisados, constata-se que o SEBRAE, a Lei da Micro e Pequena Empresa, a Disponibilidade de Linhas de Crédito e a Formalização do Empreendedor Individual são os incentivos mais citados, perfazendo 75,25% do

total. Em seguida, analisando a Tabela 14 que se refere aos obstáculos governamentais, constatou-se que a Carga Tributária, a Falta de Disponibilidade de Linhas de Crédito, a Falta de Apoio à Educação Empreendedora e a Falta de Políticas de Apoio à Educação Empreendedora são os obstáculos mais citados, perfazendo 60% do total. É importante frisar que Linha de Crédito foi citada pelos pesquisados tanto como obstáculo como incentivo, demonstrando uma divergência nas opiniões dos docentes.

Os incentivos e os obstáculos governamentais citados pelos docentes estão em sintonia com os resultados da pesquisa GEM 2008. De um lado, a pesquisa GEM elogia o trabalho do SEBRAE e seu grande investimento para disponibilizar informação e conhecimento a um número cada vez maior de empreendedores, comemora a criação da figura do micro empreendedor individual e reconhece que desde a criação da Lei da Micro e Pequena Empresa, o Brasil cria uma nova geração de empreendedores que entra no mercado com o pé direito. Por outro lado, a pesquisa GEM 2008 alerta para a alta taxa de juros que é praticada no Brasil mesmo depois da redução da inflação e para a alta carga tributária que coloca o país, em primeiro lugar, quando comparados a outros países em desenvolvimento.

4.3.8 Obstáculos Sócio-Culturais

A Tabela 15 a seguir demonstra os principais obstáculos sócio-culturais citados pelos docentes em relação à disseminação do empreendedorismo nos discentes dos cursos pesquisados.

Tabela 15 – Obstáculos Sócio-Culturais (continua)

OBSTÁCULOS SÓCIO-CULTURAIS	Nº	
	INDICAÇÕES	%
Cultura Tradicional com Foco no Emprego Formal	18	21,17%
Falta de Capital	13	15,30%
Falta de Referência Familiar	10	11,77%
Falta de Conhecimento	8	9,42%
Foco em Concurso Público	7	8,24%
Renda Familiar	5	5,88%
Falta de Valorização do Empreendedor	5	5,88%
Imediatismo nos Resultados	5	5,88%
Interpretação/Entendimento	4	4,70%
Educação Básica Empreendedora	4	4,70%

OBSTÁCULOS SÓCIO-CULTURAIS	Nº	
	INDICAÇÕES	%
Improvisação	3	3,52%
Qualidade da Informação	1	1,18%
Visão do Empreendedor em Lucro Riqueza	1	1,18%
Pouca Pesquisa	1	1,18%
TOTAL	85	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor (2010).

Ao analisarmos a Tabela 15, que se refere aos obstáculos sócio-culturais encontrados nos dissentes para a disseminação do empreendedorismo citados pelos pesquisados, constata-se que a Cultura Tradicional com Foco no Emprego Formal, a Falta de Capital, a Falta de Referência Familiar e a Falta de Conhecimento são os obstáculos sócio-culturais mais citados, perfazendo 57,66% do total.

O obstáculo mais citado neste estudo, a Cultura Tradicional com Foco no Emprego Formal é analisado em Dolabela (2008), que se refere a esse obstáculo como a síndrome do empregado, como a contaminação que os jovens brasileiros absorvem através dos valores cultuados em nossa sociedade: a estabilidade do emprego no governo, ou em uma grande empresa, e o nosso sistema educacional, que forma pessoas com uma exclusiva ênfase na tecnologia, mas sem a preocupação de encontrar formas novas para a sua aplicação através da leitura do mercado.

O segundo e o quarto obstáculos mais citados neste estudo, a Falta de Capital e a Falta de Conhecimento são analisados por Dornelas (2008a), que correlaciona a falta de capital para a abertura de um novo negócio com as altas taxas de juros praticadas pelos bancos brasileiros e as exigências dos agentes financiadores; entretanto Dornelas (2008a) adverte que o fato de não existirem políticas públicas que incentivem o financiamento, principalmente de novos e pequenos negócios não é justificativa para jogar toda a culpa do insucesso de um empreendimento no governo. Prossequindo, Dornelas (2008a) explica que muitos empreendedores não conhecem as alternativas para capitalizar sua empresa, recorrendo constantemente aos bancos de varejo, enquanto se fossem mais bem informados sobre as várias formas de financiamento como: programas governamentais, capitalistas de risco, fornecedores, parceiros estratégicos e sua

networking, certamente esses empreendedores identificariam a melhor alternativa de financiamento de suas empresas e conseqüentemente obteriam melhores resultados.

O terceiro obstáculo mais citado neste estudo, a Falta de Referência Familiar, é analisado por Degen (1989), que relaciona a referência familiar com o capital social que todas as pessoas herdaram de sua formação familiar, religiosa e escolar; dessa forma, Degen (1989) explica que o capital social de uma pessoa a predispõe a ser empreendedora ou não. A maior influência, prossegue Degen (1989), sobre a formação do capital social das pessoas é geralmente exercida por seus pais. Portanto um pai empreendedor geralmente incentiva o filho a também sê-lo.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O conjunto de mudanças estruturais que acompanham a história da humanidade é um fenômeno investigado exaustivamente pela comunidade acadêmica há um longo tempo, e a cada nova era as ferramentas disponíveis para os pesquisadores são cada vez mais sofisticadas e precisas. A investigação do desenvolvimento de uma sociedade, nos dias de hoje, não mais se contenta em explicar os fenômenos refletindo o movimento dos grupos sociais; é necessário agora ampliar essa esfera até a análise dos indivíduos. Nesse sentido, as análises das características dos indivíduos apontam para o indivíduo com perfil empreendedor ser o agente protagonista do desenvolvimento na sociedade.

É possível desenvolver características empreendedoras nos indivíduos? Dentro desse contexto, o estudo do ensino do empreendedorismo desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento da própria sociedade, em especial nos cursos de administração, que é parte das variedades de questões que cabe ao tema empreendedorismo. Este estudo procurou identificar de forma horizontal qual o enfoque das IES da cidade do Salvador em relação ao ensino do empreendedorismo e aprofundou sua pesquisa, observando as IES que disponibilizavam, em sua estrutura curricular, disciplinas obrigatórias e específicas em empreendedorismo, analisando seus conteúdos e seus docentes.

5.1 CONCLUSÕES

Quanto à **determinação do enfoque** das IES da cidade do Salvador no ensino do empreendedorismo, a pesquisa demonstra que, de uma maneira geral, todas as IES pesquisadas têm algum enfoque no empreendedorismo, com a dominância da inserção de disciplinas específicas em empreendedorismo no currículo dos cursos. Apenas 16% das IES pesquisadas adotam como enfoque a abordagem do eixo temático, ou seja, os conteúdos de Empreendedorismo são transmitidos transversalmente pela inserção de aspectos específicos de conteúdo em várias disciplinas do currículo.

Quanto à **determinação das disciplinas específicas em empreendedorismo**, percebe-se uma grande similaridade na estruturação dessas disciplinas em relação a: os **nomes** escolhidos, as **fases** em que são oferecidas, as

ementas e tópicos utilizados, e as **bibliografias** indicadas. As IES optaram, em sua grande maioria, por fazer o uso do nome empreendedorismo para as disciplinas obrigatórias específicas, por ministrar essas disciplinas a partir do 5º semestre com uma concentração maior no sétimo semestre, por utilizar em suas ementas os tópicos sugeridos pelos docentes como os mais importantes no ensino do empreendedorismo (sendo o tópico de maior destaque o plano de negócio), e por indicarem nas ementas das disciplinas obrigatórias em empreendedorismo os títulos e os autores: *Inovação e Espírito Empreendedor*, de Peter Drucker, *Transformando Idéias em Negócio* e *Empreendedorismo Corporativo*, de José Dornelas, *Oficina do Empreendedor* e *O Segredo de Luísa*, de Fernando Dolabela. Essas similaridades evidenciam uma tendência de consonância entre as IES no processo de organização das disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo, e é importante levar-se em conta que essas disciplinas tiveram há pouco tempo o reconhecimento por parte da comunidade científica e ainda carecem de debates mais específicos sobre os processos curriculares e as metodologias a serem aplicadas. Tratando dessa questão, Lopes (2001 apud TOLEDO, 2007) explica que os padrões de conteúdos e métodos de ensino pelos quais passam os saberes ao serem escolarizados delimitam um determinado território intelectual com suas práticas, regras de ingresso e exames próprios.

Em relação à **caracterização acadêmica profissional** dos docentes, a pesquisa conclui que 83,72% dos docentes envolvidos no ensino do empreendedorismo têm a sua **formação acadêmica** em administração. Em relação ao **nível de educação formal**, os mestres somaram 58,14% do total, seguidos de 34,89% de especialistas e 6,97% de doutores. Entre esses profissionais, 76,75% contam com **experiência empreendedora**. Esses dados desenham o perfil profissional e acadêmico médio dos docentes envolvidos no ensino do empreendedorismo nas IES de Salvador e motivam a refletir sobre as melhorias a serem buscadas. A formação acadêmica dos docentes pesquisados, que tem o seu maior número em administradores, parece estar em sintonia com a melhor opção para o docente envolvido com o ensino do empreendedorismo, tendo em vista que o administrador deve ter uma visão sistêmica e abrangente das diversas funções presentes nas organizações. Entretanto, no tocante ao nível de educação formal, a pesquisa evidenciou uma notável defasagem no número de doutores nos cursos em

Salvador, em comparação com os estudos que abordaram a região Sul, expondo uma fragilidade que merece ser investigada. Em relação à experiência empreendedora, o fato de o docente colocar na prática os conteúdos escolares, através de experiências empreendedoras, parece enriquecer o docente na ação educativa.

Quanto à **percepção dos docentes sobre o ensino do empreendedorismo**, a pesquisa conclui que o **entendimento de empreendedorismo** dos docentes pesquisados está relacionado a indivíduos que podem criar, planejar e implementar negócios superavitários por conta própria, que os **temas mais relevantes no ensino do empreendedorismo** foram Plano de Negócio, Gestão de Pessoas e Aproveitamento de Oportunidades e que o **principal autor sobre o tema**, que os docentes pesquisados escolheram, foi Fernando Dolabela, seguido de Peter Drucker e José Dornelas, o que demonstra uma similaridade com os autores mais destacados nas bibliografias recomendada nas ementas. Esses dados das três primeiras variáveis da percepção dos docentes sobre o ensino do empreendedorismo, junto com a análise das obras dos autores citados, permitem avaliar a influência teórica do entendimento do empreendedorismo nos docentes pesquisados. A ênfase dada pelos docentes à criatividade, à inovação e ao aproveitamento de oportunidades é típica do entendimento schumpeteriano sobre o tema, no qual essas características devem ser decisivas para os empreendedores de sucesso e características como persistência, atitude pró-ativa e capacitação são colocadas em segundo plano. O plano de negócio foi o tema mais destacado (entre os temas escolhidos pelos docentes para constar nas disciplinas obrigatórias em empreendedorismo) e demonstra ser a principal ferramenta de análise para tomada de decisão e o principal instrumento de captação de recursos financeiros junto a instituições de crédito.

A análise das obras dos principais autores citados incita o pesquisador a tentar refletir a percepção do ensino do empreendedorismo dos docentes pesquisados através da análise da percepção do ensino do empreendedorismo desses autores. Assim, Drucker (1998b) defende o ensino do empreendedorismo de uma forma mais ampla, por meio da aplicação dos conceitos e técnicas de administração inseridos na multidisciplinaridade dos cursos de administração; já Dolabela (2008) e Dornelas (2008a) defendem o ensino do empreendedorismo

através de uma disciplina específica e apresentam metodologias baseadas em princípios de auto-aprendizado.

Quanto aos **incentivos e obstáculos governamentais**, a pesquisa conclui que os principais incentivos ao empreendedorismo são: o SEBRAE, a Lei da micro e pequena empresa e a disponibilidade de crédito; em relação aos obstáculos, o mais indicado pelos docentes foi a carga tributária, seguida da falta de linhas de crédito (um item polêmico, pois constou tanto como obstáculo como incentivo) e a falta de apoio à educação empreendedora.

Quanto aos **obstáculos sócio-culturais** para a disseminação do empreendedorismo nos discentes, a pesquisa demonstra que os docentes identificam a cultura tradicional com foco no emprego, a falta de capital e falta de referencia familiar como os principais obstáculos.

Essas duas variáveis da percepção dos docentes sobre o ensino do empreendedorismo (obstáculos e incentivos), correlacionadas, permitem avaliar os contextos em que, na percepção dos docentes, encontram-se o país e os discentes.

Nessa correlação, podemos observar que os principais obstáculos apontados pelos docentes para a disseminação do empreendedorismo foram identificados também como incentivos, revelando, possivelmente, na percepção dos docentes, um momento de transição e de aperfeiçoamento da ação governamental em relação ao empreendedorismo. Desse modo, para a falta de capital que foi citada como obstáculo governamental e sócio-cultural, os docentes também a citaram como incentivo, pois existe uma série de linhas de crédito que são disponibilizadas para os empreendedores. Para a carga tributária e burocracia excessiva, foi citada como incentivo a lei da micro e pequena empresa e para a falta de educação empreendedora foi citada a ação do SEBRAE que tem como principal objetivo a informação e a disseminação da cultura do empreendedorismo. Não cabendo a este estudo a análise da eficiência e da amplitude dessas ações, o que aqui fica exposto é a percepção dos docentes pesquisados em relação a contextos externos e seus reflexos para o ensino do empreendedorismo.

Finalizando, iniciamos este trabalho com o debate que envolve o campo das discussões sobre se “é possível ou não ensinar um individuo a ser empreendedor”,

quando sustentamos, com base nos estudos mais recentes, que existe uma robusta argumentação que converge para o “sim, é possível”.

Sendo o propósito específico deste trabalho examinar os diferenciais entre as formas pelas quais os cursos de administração em Salvador estruturam o ensino do empreendedorismo, nossa conclusão geral é a existência de uma forte convergência entre as IES para todos os quesitos examinados: as IES de Salvador, em sua ampla maioria, adotam a forma da disciplina obrigatória específica para o ensino do empreendedorismo, essas disciplinas são altamente similares em conteúdo, bibliografia e fase curricular de oferta aos alunos, e a formação, experiência e percepção de uma elevada maioria dos docentes é expressivamente homogênea.

Além disso, conforme os dados apresentados neste trabalho, os resultados encontrados em Salvador são também similares, de modo geral, aos resultados registrados em estudos realizados no Sul do país, o que indica uma sintonia de Salvador com a perspectiva acadêmica de outros centros de conhecimento do país.

Em face desses resultados, podemos afirmar que o aparato de ensino de graduação em administração em Salvador encontra-se engajado na difusão do ensino do empreendedorismo dentro de uma mesma abordagem nacional.

5.2 RECOMENDAÇÕES

O estudo aqui apresentado, por tratar-se de um estudo de caráter social, tem suas peculiaridades e limitações próprias, apresentando características multifacetadas, que são inerentes ao tema empreendedorismo, e deixando questões em aberto que devem ser analisadas sob outras perspectivas. Ademais, foi opção neste estudo realizar uma abordagem com uma perspectiva mais horizontal sobre o ensino do empreendedorismo devido à falta de referência desse tipo de estudo nas IES da cidade do Salvador, o que permite ser continuado de forma a consolidar o entendimento, abrindo perspectivas para outras pesquisas.

Entre as limitações da pesquisa apresentada, podemos destacar que no concernente à parte teórica, a abrangência do tema empreendedorismo e a recente determinação de pesquisadores e estudiosos em estruturar o ensino do empreendedorismo em disciplinas específicas trazem consigo questionamentos que só serão respondidos através do aprofundamento da pesquisa no tema. Dessa

forma, a base teórica para pesquisa ainda não apresenta uma robustez suficiente que permita ao pesquisador do tema referenciar, com diversos autores, tópicos importantes. Dolabela (2008) acrescenta que, como o campo de estudo acadêmico do empreendedorismo é muito novo, com cerca de quatro décadas de estudo, esse tema ainda está na fase pré-pragmática, já que não existem padrões definitivos, princípios gerais ou fundamentos que possam garantir de maneira cabal o conhecimento na área.

Quanto à parte empírica, este estudo foi primeiramente limitado pela seleção dos sujeitos sociais, tendo em vista que apenas os coordenadores dos cursos de administração e os professores de disciplinas obrigatórias específicas em empreendedorismo participaram da pesquisa, não sendo incluídos os professores de outras matérias que não as específicas em empreendedorismo e os próprios discentes dos cursos pesquisados. Marcarini (2003), em estudo da mesma natureza, ressalta que por se tratar de um estudo exploratório, não se tem a pretensão de apresentar perguntas e respostas para toda problemática que envolve o tema, pois é sabido que os docentes estão condicionados às características de cada IES, o que modifica cada situação.

Outro limite a ser destacado é o recorte aplicado na pesquisa de campo; de um total de 38 IES, o pesquisador esteve presente nas 4 Universidades, nos 2 Centros Universitários, no único Instituto Federal de Ciência e Tecnologia e em 16 Faculdades de um total de 31.

A Tabela 16 delimita a quantidade de IES, de um total de 38, em relação aos procedimentos de coletas aplicados:

Tabela 16 – IES pesquisada por procedimento

PROCEDIMENTOS	Formulário 1			Questionário 1	Questionário 2
	Consulta <i>site</i> MEC	Consulta <i>site</i> Instituição	Atualização dos Coordenadores		
IES	38	38	19	19	43

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do MEC (2008).

Apresenta-se a seguir algumas recomendações que podem vir a orientar futuros estudos:

- a) Continuar a pesquisa atual, aumentando a amostra para abranger todos os docentes e discentes dos Cursos de Graduação em Administração. Outro aspecto a ser considerado é a amplitude geográfica da pesquisa, que poderia ser estendida para todo o estado da Bahia, dando assim um caráter regional ao estudo;
- b) Ampliar o estudo do empreendedorismo para outros cursos que não de administração, já que o ensino do empreendedorismo não é uma particularidade dos cursos de administração;
- c) Por fim, e em especial, desenvolver metodologias que permitam avaliar a eficácia da estratégia de ensino utilizada, observando a formação de competências e habilidades dos alunos egressos de disciplinas de empreendedorismo.

REFERÊNCIAS

- BARON, Robert A.; SHANE, Scott A. **Empreendedorismo**: uma visão do processo. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 4, de 16 de agosto de 2006**. Altera o artigo 10 da Resolução CNE/CEB nº 3/98, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em: <portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/rceb04_06.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação - MEC. Institucional. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br>. Acesso em: 18 dez 2008.
- DEGEN, Ronald Jean. **O empreendedor**: fundamentos da iniciativa empresarial. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.
- DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura, 2008.
- DORNELAS, J. C. Assis. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008a.
- DORNELAS, J. C. Assis. **Empreendedorismo corporativo**: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008b.
- DRUCKER, Peter F. **Administração para o futuro**: os anos 90 e a virada do século. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1998a.
- DRUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1998b.
- DUTRA, Ivan; PEIXOTO Renato Bassan. O ensino de empreendedorismo em instituições de ensino superior da região de Londrina. In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS, 2., 2001, Paraná. **Anais...** Paraná: Tac Multimídia, 2001, 1 CD-ROM.
- ENDEAVOR - INSTITUTO EMPREENDER ENDEAVOR. Institucional. Disponível em: <http://endeavor.com.br>. Acesso em: 30 mar. 2009.
- FARAH, Osvaldo; CAVALCANTI, Marly; MARCONDES, Luciana. **Empreendedorismo estratégico**: criação e gestão de pequenas empresas. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- FILION, Louis J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerente de pequenos negócios. **Revista de Administração da USP**, v. 34, n. 2, p. 5-28, abr./jun.1999.
- FILION, Louis J. Visão e relação: elementos para um metamodelo empreendedor. **Revista de Administração de Empresa**, v. 31, p. 50-61, nov./dez. 1993.
- FERNANDES, Luciene A.; GOMES, José M. Relatórios de pesquisa nas Ciências Sociais: características e modalidades de investigação. **ConTexto**, Porto Alegre, v. 3, n. 4, 1º sem. 2003.
- GIBB, A. A. Key factors in the design of policy support for the small and medium enterprise (SME) development process: an overview. **Entrepreneurship & Regional Development**, n.5, p.1-24, 1981.

- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- GONTIJO, Cláudio. **Raízes da crise financeira dos derivativos *subprime***. 2008. 38 f. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, 2008.
- GRECO, Simara Maria de Souza Silveira et al. **Empreendedorismo no Brasil**: 2008. Curitiba: IBQP, 2009.
- HAMLIN, Cynthia Lins. A hermenêutica romântica de Wilhelm Dilthey. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 4, n. 2, p. 12-21, 1999.
- HOELTGEBAUN, Marianne; TOMIO, Dilson. A problemática da formação dos administradores: o empreendedorismo como alternativa de adaptação no ensino do curso de administração. In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS, 2., Paraná, 2001, Anais... Paraná: Tac Multimídia, 2001. 1 CD-ROM.
- IBICT. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. Disponível em: <<http://bdtd2.ibict.br/>>. Acesso em: 20 de jun. 2009.
- MARCARINI, Adenir. **O empreendedorismo nos cursos de administração de Santa Catarina, Brasil**. 2003. 138 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, 2003.
- SEBRAE. SERVIÇO DE APOIO A MICRO E PEQUENA EMPRESA. Institucional. Disponível em: <<http://sebrae.com.br>>. Acesso em: 29 abr. 2009.
- SCHUMPETER, Joseph Alois. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.
- SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- SILVA, Lucas F.; BASSANI, Carolina. Evolucionismo: a face oculta do empreendedorismo. **Brazilian Business Review**, Vitória, v. 4, n. 1, p. 60-73, jan./abr. 2007.
- SILVEIRA, Amélia; FLORES, Danusa C.; HOELTGEBAUN, Marianne. O ensino do empreendedorismo nos Cursos de Pós-Graduação em Administração no Brasil. **Revista de Negócios**, Blumenau, v.13, n. 2, p. 93 – 104, abr./jun. 2008.
- TEZZA, Giseli Adam. **O ensino do empreendedorismo nos Cursos de Administração das Universidades do Estado do Paraná, Brasil**. 2004. 142 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, 2004.
- TIMMONS, John A. Black is beautiful: is it bountiful?. **Harvard Business Review**, v. 6, p. 81-94, nov/dec. 1971.
- TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. **Didática e saberes metodológicos das disciplinas escolares**: reflexões teóricas sobre fronteiras e campos comuns de investigação. Rio de Janeiro: ANPED, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT04-3194--Int.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2010.

VESPER, Karl H. **Frontiers of entrepreneurship research**. Seattle: Vector Books, 1992.

VESPER, Karl H.; SCHLENDORF, John. Views on college courses in venture initiation. **Academy of Management Journal**, v. 16, n. 3, p. 519-522, sept. 1973.

APÊNDICE A – Formulário 1 utilizado na primeira fase da pesquisa empírica

FORMULÁRIO DE PESQUISA 1		DATA: ___/___/___		
IES :		COORDENADOR:		
ITEM	PERGUNTAS	RESPOSTAS FONTE E-MEC	SITE DAS IES Concorda ou não informa/Diverge	COORDENADOR Concorda/Diverge
1	Organização Acadêmica	<input type="checkbox"/> Universidade <input type="checkbox"/> Centro Universitário <input type="checkbox"/> IFET <input type="checkbox"/> Faculdade	<input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D
2	Categoria Administrativa	<input type="checkbox"/> Pública <input type="checkbox"/> Privada	<input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D
3	Endereço da sede		<input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D
4	Data de fundação	___/___/___	<input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D
5	Campus e unidades fora da sede	1	<input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D
		2		
		3		
		4		
		5		
		6		
		7. Se mais descreva no anexo.		
6	Descrição dos cursos presenciais em administração e seus coordenadores	1	<input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D	<input type="checkbox"/> C <input type="checkbox"/> D
		2		
		3		
		4		
		5		
		6		
		7. Se mais descreva no anexo.		

Obs: As informações divergentes constaram no anexo.

APÊNDICE B – Questionário de Pesquisa 1

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA 1

IES :

CURSO:

COORDENADOR:

ITEM	PERGUNTAS	RESPOSTAS			
1	Qual é o enfoque utilizado pelo curso no ensino do empreendedorismo?	1-Como eixo temático do curso <input type="checkbox"/>			
		2-Como disciplina obrigatória <input type="checkbox"/>			
		3-Como disciplina optativa <input type="checkbox"/>		Quais	
		descreva: _1_____			
		_2_____			
		_3_____			
2	Determinação da grade curricular/ disciplinas obrigatórias oferecidas por semestre.	4-Como habilitação do curso <input type="checkbox"/>			
		5-Outras abordagens <input type="checkbox"/>		Descreva: _____	

		1° Semestre			
		1	4	7	10
		2	5	8	11
3	6	9	12		
2° Semestre					
1	4	7	10		
2	5	8	11		

	3	6	9	12
	3° Semestre			
	1	4	7	10
	2	5	8	11
	3	6	9	12
	4° Semestre			
	1	4	7	10
	2	5	8	11
	3	6	9	12
	5° Semestre			
	1	4	7	10
	2	5	8	11
	3	6	9	12
	6° Semestre			
	1	4	7	10
	2	5	8	11
	3	6	9	12
	7° Semestre			
	1	4	7	10
	2	5	8	11
	3	6	9	12
	8° Semestre			
	1	4	7	10
	2	5	8	11

		3	6	9	12
3	Disciplina obrigatória específica em empreendedorismo /professor.	Disciplina		Professor	
		1	Nome:		Fone:
		2	Nome:		Fone:
		3	Nome:		Fone:
		4	Nome:		Fone:
		5	Nome:		Fone:
4	Determinação das ementas e bibliografia das disciplinas obrigatórias específicas.	Disciplina 1:			
		Ementa/Tópicos			
		1	6	11	
		2	7	12	
		3	8	13	
		4	9	14	
		5	10	15	
		Bibliografia			
		1	4	7	
		2	5	8	
		3	6	9	
		Disciplina 2:			
		Ementa/Tópicos			
		1	6	11	
		2	7	12	
		3	8	13	
		4	9	14	
		5	10	15	
		Bibliografia			
		1	4	7	
2	5	8			
3	6	9			

Disciplina 3:		
Ementa/Tópicos		
1	6	11
2	7	12
3	8	13
4	9	14
5	10	15
Bibliografia		
1	4	7
2	5	8
3	6	9
Disciplina 4:		
Ementa/Tópicos		
1	6	11
2	7	12
3	8	13
4	9	14
5	10	15
Bibliografia		
1	4	7
2	5	8
3	6	9
Disciplina 5:		
Ementa/Tópicos		
1	6	11
2	7	12
3	8	13
4	9	14
5	10	15

Bibliografia		
1	4	7
2	5	8
3	6	9
Disciplina 6:		
Ementa/Tópicos		
1	6	11
2	7	12
3	8	13
4	9	14
5	10	15
Bibliografia		
1	4	7
2	5	8
3	6	9

APÊNDICE C – Questionário de Pesquisa 2

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA 2

IES:

PROF/COORDENADOR:

ITEM	PERGUNTAS		
1	Formação acadêmica	<input type="checkbox"/> Administração <input type="checkbox"/> Outras/Qual _____	
2	Nível de educação formal	<input type="checkbox"/> Especialista <input type="checkbox"/> Mestre <input type="checkbox"/> Doutor	
3	Experiência empreendedora	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim descreva:	
4	O que entende por empreendedorismo		
5	Temas mais relevantes no ensino do empreendedorismo	1°	
		2°	
		3°	
6	Principal autor sobre o tema	<input type="checkbox"/> Dolabela <input type="checkbox"/> Dornelas <input type="checkbox"/> Fillion <input type="checkbox"/> Degen <input type="checkbox"/> Chiavenato <input type="checkbox"/> Drucker <input type="checkbox"/> Outro, Qual _____	
7	Quais os principais incentivos e obstáculos gov. para a propagação do empreendedorismo no Brasil	INCENTIVOS	OBSTÁCULOS
		1°	1°
		2°	2°
		3°	3°
8	Quais os obstáculos sócio-culturais encontrados nos	1°	
		2°	

	discentes para a disseminação do empreendedorismo	3°

APÊNDICE D – Carta de Apresentação



UNIFACS
UNIVERSIDADE SALVADOR
LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES

Rua Doutor José Peroba, nº 251,
STIEP, CEP 41770-235, Salvador - BA
www.unifacs.br

Salvador, 01 de fevereiro de 2011.

Prezados Senhores,

Apresento-lhes o aluno **MARCUS AMANY CASTELLAR PINHEIRO**, regularmente matriculado no **Programa de Pós-Graduação em Administração – Mestrado em Administração Estratégica**, desta **Universidade Salvador – UNIFACS**, que desenvolve pesquisa sobre o tema **“O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DA CIDADE DE SALVADOR”**.

Venho, portanto, solicitar o apoio dessa Instituição, no sentido de contribuir com a disponibilização de dados para a realização dessa pesquisa.

Certo de contar com sua compreensão, agradeço antecipadamente.

Cordialmente.

Prof. SERGIO HAGE FIALHO

Professor Orientador

PPGA – Programa de Pós-graduação em Administração
Mestrado em Administração